

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAQUELINE SCOTÁ STEIN

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NOS PEDIDOS FEITOS EM LIBRAS:
UM ESTUDO DE FACES

CURITIBA
2018

JAQUELINE SCOTÁ STEIN

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NOS PEDIDOS FEITOS EM LIBRAS:
UM ESTUDO DE FACES

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração estudos em Linguagem e Práticas Sociais, Departamento de Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoy.

CURITIBA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/ UFPR
COM OS DADOS FORNECIDOS PELA AUTORA
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
BIBLIOTECÁRIO: RITA DE CÁSSIA ALVES DE SOUZA – CRB-9/ 816

Stein, Jaqueline Scotá

Estratégias de polidez nos pedidos feitos em Libras: um estudo de faces /
Jaqueline Scotá Stein. – Curitiba, 2018.

115 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.
Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoy.

1. Surdos – Educação. 2. Educação bilíngue. 3. Língua Brasileira de
Sinais. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 371.912

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JAQUELINE SCOTÁ STEIN** intitulada: "**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NOS PEDIDOS FEITOS EM LIBRAS: UM ESTUDO DE FACES**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 31 de Agosto de 2018.



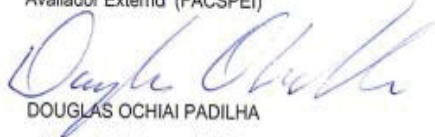
ELENA GODOY

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)



ARISTEU MAZUROSKI JUNIOR

Avaliador Externo (FACSPEI)



DOUGLAS OCHIAI PADILHA

Avaliador Externo (UFPR)

A JesuS, Aquele que não tem adversários
Oceano de Graça e Misericórdia em maré alta
Esposo fiel, o mais distinguido entre dez mil,
Tua Face é o meu lugar seguro, meu final feliz,
Capturou meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ju por sua dedicação durante o meu longo tratamento.

Agradeço à Nathalia.

Agradeço à minha orientadora, Elena Godoy.

Agradeço a todos os integrantes do Grupo de Pesquisa Linguagem & Cultura, em especial a Crisbelli, Aristeu e Luzia pelas contribuições tão oportunas. Ao Douglas e Aristeu, pela participação nas bancas.

Agradeço à Lídia da Silva por integrar a banca de qualificação e por suas valiosas contribuições.

Agradeço aos professores da Pós-graduação da UFPR, em especial, a Ligia Negri, a Gesualda, a Teca e a Coordenadora da Pós, Maria Cristina.

Aos colegas do Mestrado, em especial o Sweder, a Sherazade, a Meirielly, o Mateus a Bárbara e a Marina.

Agradeço a toda equipe do curso de Letras Libras da UFPR, em especial, aos professores Surdos, Daiane, Jefferson, Marcelo e Brenno por aceitarem participar da pesquisa e aos intérpretes Aldemar, Anderson, Jonatas, Peterson, Priscila, Ringo, Rhaul, Marrie, Tiago, Alex, Wagner. Wanessa e Marília.

Agradeço ao Sérgio por ter me apresentado à Elena e seu grupo de pesquisa e pela ajuda em vários momentos importantes.

Agradeço à Arlete e ao Manoel.

Agradeço às secretárias da Pós, Taís e Andrea.

Agradeço aos alunos Surdos e Ouvintes do curso do Letras Libras e aos alunos do curso de Biologia da UFPR que aceitaram participar da pesquisa. Ao Caio e ao Leandro.

Agradeço aos meus médicos, Dra. Raquel, Dr. Rui, Dr. Fábio.

Agradeço à equipe de assistentes sociais da UFPR, em especial, Raquel e Onara.

Agradeço à Sueli Fernandes, pelo carinho, cuidado e confiança.

Agradeço à família, de sangue, de coração, de perto, de longe, presente e ausente.

Aos meus pais, *in memoriam*.

Agradeço a você que embora não citado está nas minhas memórias

RESUMO

O presente trabalho trata dos aspectos da Polidez Linguística aplicada à Libras a partir do modelo teórico de Brown & Levinson (1978). Com base nesta teoria linguística, a hipótese, comprovada nos dados, é de que os marcadores de Polidez na Libras, em especial, os marcadores não manuais (MNN) - expressões faciais e corporais - podem, em determinados contextos, atenuar o risco de perda da face e, em outros, potencializá-lo. Para testar tal hipótese, o material enunciativo foi obtido por meio de DCT (*Discourse-Completion Test*) e aplicado em 54 informantes de uma Universidade pública de Curitiba, com idades entre 20 e 50 anos, falantes da Língua Portuguesa e da Língua de Sinais Brasileira. Do *corpus* construído, 10 enunciados foram selecionados para análise, tanto dos falantes de Libras (surdos e sinalizantes ouvintes), como do português. A proposta foi a de investigar, por método comparativo, as estratégias de Polidez usadas para realizar pedidos em Libras. Neste âmbito, observou-se, principalmente, o modo como o falante de Libras atinge as faces positiva e negativa na realização de seus atos de fala. Os resultados da pesquisa, de natureza qualitativa, apontam que, embora componham a Polidez na Libras, elementos linguísticos tais como os lexicais, o tamanho do espaço, a velocidade com que o sinal é realizado, a sintaxe escolhida, os falantes de Libras realmente usam os marcadores não manuais (MNN) - produzidos pelas expressões faciais e pelas expressões corporais (em especial cabeça, ombros e tronco) -, para atenuar ou potencializar a ameaça à face.

Palavras chave: Pragmática. Polidez. Libras. Português. Marcadores não manuais. Face

RESUMEN

El presente trabajo se refiere a Cortesía Lingüística en la Lengua Brasileña de Señas (Libras) a partir del modelo teórico de Brown & Levinson (1978). Con basis en esta teoría, la hipótesis, comprobada em los datos, es la de que los marcadores de cortesía en la Libras - en particular los marcadores no manuales (MNN) que son expresiones faciales y corporales - pueden, en determinados contextos, atenuar el riesgo de pérdida de la face o potencializarlo. Para probar la hipótesis, se obtuvo mediante DCT (*Discoursie-Completion Test*) 54 informantes de una universidad pública de la ciudad de Curitiba, con edades entre 20 a 50 años, hablantes de portugués y de la lengua de señas brasileña. En la construcción del corpus, se seleccionaron 10 declaraciones para análisis compuestas tanto en libras (sordos y oyentes sinalizantes) como en portugués. La propuesta fue a la de investigar, por método comparativo, las estrategias de la cortesía usadas para realizar pedidos en Libras. En este ámbito se observó, principalmente, el modo como el hablante de Libras alcanza las faces positiva y negativa en la realización de sus actos de habla. Los resultados de la investigación cualitativo apuntaron que, aunque componen la cortesía en libras, los elementos lingüísticos como el léxico, el tamaño del espacio, la velocidad con la que se realiza la señal y, también, la sintaxis escogida, los hablantes de Libras realmente usan los marcadores no manuales (MNN), en especial cabeza, hombros y tronco, para atenuar o potencializar amenaza a la face.

Palabras clave: Pragmática. Cortesía. Libras. Portugués. Marcadores no manuales. Face.

ABSTRACT

The present work deals with the aspects of Linguistic Politeness applied to Libras from the theoretical model of Brown & Levinson (1978). Based on this linguistic theory, the hypothesis, evidenced in the data, is that Pound Pollution markers, especially non-manual markers (MNN) - facial and body expressions - may, in certain contexts, mitigate the risk of loss of the face and, in others, to enhance it. To test this hypothesis, the enunciative material was obtained through DCT (Discoursie-Completion Test) and applied in 54 informants of a public University of Curitiba, aged between 20 and 50 years, speakers of the Portuguese Language and the Brazilian Sign Language . From the corpus constructed, 10 utterances were selected for analysis, both of the speakers of Libras (deaf and signaling listeners), as well as of the Portuguese. The proposal was to investigate, by comparative method, the Polity strategies used to make orders in Pounds. In this context, it was mainly observed how the speaker of Libras reaches the positive and negative faces in the performance of his speech acts. The qualitative research results point out that although they compose politeness in pounds, linguistic elements such as lexicals, size of space, speed at which the signal is performed, syntax chosen, Pound speakers actually use non-manual markers (MNN) produced by facial expressions and body expressions (especially head, shoulders and trunk) to attenuate or enhance face threat.

Keywords: Pragmatics. Politeness. Libras. Portuguese. Non-manual markers. Face

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - "EU NÃO SEI DE NADA, TÔ SÓ AVISANDO..."	36
FIGURA 2 - "VOCÊ QUE SABE..."	36
FIGURA 3 - "COMO A GENTE FAZ ENTÃO..."	37
FIGURA 4 - "VEJA BEM..."	37
FIGURA 5 - "...DESSE JEITO NÃO DÁ..."	37
FIGURA 6 - "..."	39
FIGURA 7 - "HEY..."	39
FIGURA 8 - "HEY..."	40
FIGURA 9 - "HEY..."	40
FIGURA 10 - "HEY..."	40
FIGURA 11 - "POR FAVOR..."	41
FIGURA 12 - "DESCULPE..."	41
FIGURA 13 - "POR FAVOR..."	41
FIGURA 14 - "DESCULPE..."	42
FIGURA 15 - "PODE..."	42
FIGURA 16 - "PODE..."	43
FIGURA 17 - "PODE..."	43
FIGURA 18 - "PODE..."	43
FIGURA 19 - "DÁ..."	44
FIGURA 20 - "ENTÃO..."	45
FIGURA 21 - "EXPRESSÃO FACIAL DE POTENCIALIZAÇÃO DA AMEAÇA"	46
FIGURA 22 - "EXPRESSÃO FACIAL DE ATENUAÇÃO DA AMEAÇA À FACE"	46
FIGURA 23 - EMBLEMA	48
FIGURA 24 - "HUMM..."	49
FIGURA 25 - "É POSSÍVEL..."	50
FIGURA 26 - "VOCÊ PODE FAZER ISSO..."	50
FIGURA 27 - "HUMM...JÁ SEI..."	50
FIGURA 28 - "QUEBRA ESSA..."	51
FIGURA 29 - POLIDEZ NEGATIVA: "PODERIA..."	59
FIGURA 30 - POLIDEZ NEGATIVA: "EMPRESTAR..."	59
FIGURA 31 - POLIDEZ NEGATIVA: "LIVRE"	59
FIGURA 32 - "POR FAVOR"	61
FIGURA 33 - "ATRASADO"	61
FIGURA 34 - "PODERIA"	61
FIGURA 35 - "RAPIDINHO"	64
FIGURA 36 - GESTO DE SÚPLICA 1	65
FIGURA 37 - "O QUE FOI COMBINADO"	66
FIGURA 38 - "EU JÁ CUMPRI COM A MINHA PARTE"	66
FIGURA 39 - "VOCÊ LIMPAR..."	67
FIGURA 40 - GESTO DE SÚPLICA 2	67
FIGURA 41 - ATO PREPARATÓRIO DE REPROVAÇÃO	68
FIGURA 42 - "ENTÃO..."	68
FIGURA 43 - "POR GENTILEZA"	69
FIGURA 44 - ATO PREPARATÓRIO DE AMEAÇA À FACE	70
FIGURA 45 - "HEY"	70
FIGURA 46 - "DESCULPE"	71

FIGURA 47 - "VOCÊ VIU ALI..."	71
FIGURA 48 - "A PLACA..."	71
FIGURA 49 - "É PROIBIDO"	72
FIGURA 50 - "EVITAR"	72
FIGURA 51 - "HEY..."	74
FIGURA 52 - "DESCULPE"	75
FIGURA 53 - "PARAR"	75
FIGURA 54 - "DESLIGAR O CELULAR"	75
FIGURA 55- "COM LICENÇA"	76
FIGURA 56 - "POR FAVOR"	78
FIGURA 57 - "COM LICENÇA"	79

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

QUADRO 2 – SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NEGATIVA

QUADRO 3 – SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ ENCOBERTA

QUADRO 4 – GLOSAS, COMENTÁRIOS SOBRE OS LÉXICOS, VELOCIDADE DOS SINAIS E UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

QUADRO 5 – RETRADUÇÕES POR SINALIZANTE SURDO DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA	2
1.2 OBJETIVOS	5
1.3 RELEVÂNCIA ACADÊMICA E SOCIAL	5
2 A POLIDEZ LINGÜÍSTICA	7
2.1 A TEORIA DOS ATOS DE FALA	8
2.2 O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO	10
2.3 O MODELO TEÓRICO DE BROWN & LEVINSON	13
2.3.1 O CONCEITO DE FACE	14
2.3.2 O CONCEITO DE FTA	15
2.4 CRÍTICAS AO MODELO DE BROWN & LEVINSON	16
3 AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ	18
3.1 POLIDEZ BALD ON RECORD	18
3.2 POLIDEZ POSITIVA	18
3.3 POLIDEZ NEGATIVA	20
3.4 POLIDEZ ENCOBERTA (INDIRETIVIDADE)	25
4 ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LIBRAS	32
4.1 A POLIDEZ COM FOCO NA LIBRAS	35
4.1.1 MEIOS DISCURSIVOS	35
4.1.2 MECANISMOS LÉXICO-SINTÁTICO-GRAMATICAI	38
4.1.3 MECANISMOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	45
4.1.4 SIGNOS NÃO-VERBAIS	47
5 METODOLOGIA	52
5.1 COMITÊ DE ÉTICA	52
5.2 METODOLOGIA UTILIZADA NA COLETA DE DADOS	52
5.3 METODOLOGIA UTILIZADA NA ANÁLISE DOS DADOS	54
5.4 OBSERVAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA DE TRADUÇÃO	54
5.5 AS TRADUÇÕES PROPRIAMENTE DITAS	56
6 A ANÁLISE DOS DADOS	57

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	89
GLOSSÁRIO	92
ANEXO I – Cartelas do DCT apresentadas aos participantes da pesquisa	96
APÊNDICE	101

1 INTRODUÇÃO

Além da relevância social e acadêmica, uma dissertação deve apresentar aos leitores ‘quem fala’ e ‘sobre quem esse alguém fala’. Sobre o primeiro ponto, sou formada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, com certificação de proficiência em tradução e interpretação, no par linguístico Libras-português, para o Ensino Superior (PROLIBRAS). Sou, também, tradutora-intérprete de Libras na Universidade Federal do Paraná, de modo que quando analiso a Língua de Sinais brasileira, falo do lugar privilegiado de pesquisadora que usa a língua investigada (L2).

Ao fazer um inventário das minhas experiências em sala de aula como tradutora-intérprete, noto o lugar privilegiado em que estive, pois, pude observar, como mais ninguém, de que modo a língua não está restringida ao léxico e nem o significado limitado a palavras organizadas por campos semânticos.

Também, de outro lugar privilegiado em que estive, - dos estudos no campo linguístico da Polidez¹ - pude estudar e concluir que todo falante - esteja ele no papel de professor, de aluno, de tradutor intérprete, ou simplesmente no papel de usuário da língua - ao aumentar sua competência linguística para o trabalho de ‘face’ (conceito que será explicado ao longo da dissertação, mas, que podemos definir como a ‘porta relacional’), estará linguisticamente melhor aparelhado para interagir com o outro².

A significação na Libras, por outro lado, requer, como toda e qualquer língua, uma visão holística e é disso que, fundamentalmente, trataremos, eu e a minha orientadora, (de aí a escrita em primeira pessoa do plural), nesta dissertação. Em termos específicos, estamos nos referindo à Pragmática e à Polidez linguística na Libras, isto é, ao que se faz com as palavras e ao modo como se faz o comunicar.

O falante de Libras, por sua vez, é o sujeito de quem falamos. Especialmente, nos voltamos nesta dissertação para o Surdo bilíngue universitário.

¹ Para facilitar desde logo um melhor entendimento, o leitor conta com um Glossário dos conceitos mais importantes que pode ser acessado no final da dissertação.

² E, se proteger, pelo menos em parte, desse outro (de suas implicaturas) e de si mesmo (dos atos de fala que realiza).

De outra parte, aproveitamos o capítulo introdutório, do mesmo modo como o faremos nas considerações finais, para dizer, resumidamente, das contribuições que acreditamos esta pesquisa-estudo poderá agregar à linguística em geral e à linguística das línguas de sinais em particular. **Primeira** contribuição diz com o destaque que demos ao conceito de face e suas consequências na realização e interpretação do ato de fala. Tal conceito, dada a profusão de teorias sobre Polidez, parece ter perdido um pouco, (quicá muito), da sua relevância. **Segunda** contribuição, diz com a descrição detalhada das estratégias de Polidez – em especial, a negativa e a encoberta -, algo que não encontramos em nenhum trabalho feito em língua portuguesa. **Terceira** contribuição, está na tentativa de diferenciação entre marcadores que atenuam a ameaça à face (pp) e marcadores que potencializam a ameaça à face (pa) na língua de sinais brasileira, porquanto, de nosso conhecimento temos apenas a pesquisa de Hoza (2007), o qual apontou para a existência de marcadores que atenuam a ameaça à face (pp). **Quarta** contribuição diz com a maneira como abordamos o tema da Polidez, que nos permitiu esboçar uma definição de Polidez mais abrangente, que não está adstrita apenas a estratégias linguísticas para que se possa “ficar (ou estar) bem com outro”, mas, com um modo de agir linguístico que permite ao falante controlar melhor seus atos de fala, do mesmo modo que confere ao ouvinte, (agente importante na avaliação da Polidez), meios para lidar de modo mais assertivo com o trabalho de face realizado pelo falante. **Quinta** contribuição, acreditamos que o modo como tratamos do tema proposto amplia, consideravelmente, as possibilidades de investigação pragmática da Libras por outros pesquisadores.

1.1 CONTEXTO E PROBLEMA DE PESQUISA

O modelo teórico adotado nesta pesquisa exploratória e qualitativa (Gil, 2002, p. 41) é o de Brown & Levinson, os quais escreveram a obra tradicionalmente conhecida como *Politeness: Universals in language usage*, publicada em 1978 e reeditada em 1987 e 1994. Estes autores incorporaram à Polidez Linguística o

conceito de ‘face’ de Goffman (1967) e de *Face-threatening acts*³ (FTAs), tendo por meta formular uma série de estratégias de manutenção da face.

Como problema de pesquisa, nos propusemos investigar as estratégias de Polidez usadas para realizar pedidos em Libras e, mais especialmente, o modo como o falante de Libras atinge as faces positiva e negativa quando realiza atos de fala.

Conhecer e delinear tal problemática é importante, uma vez que traz implicações de relevância para a comunicação, para a interação e para a língua. Neste ponto, constatamos que a pesquisa é inédita no Brasil, pois além de examinar o que acontece com a face entre falante e ouvinte em interlocução trivial, há a tentativa de identificação de dois tipos de marcadores de Polidez na Libras: os que atenuam a ameaça à face e os que potencializam essa ameaça.

A hipótese de pesquisa que vêm nos inquietando há algum tempo é a de que marcadores de Polidez na Libras, como o léxico, o tamanho do espaço utilizado, a velocidade com que o sinal é realizado, a sintaxe escolhida pelo falante e, especialmente, as expressões não manuais (faciais e corporais), em determinados contextos, (como em pedidos sem reprovação), atenuam a ameaça à face, enquanto em outros contextos, (tais como em pedidos com reprovação), podem ser usados pelos falantes, (de modo inadvertido ou proposital), para potencializar essa ameaça.

Quanto às línguas orais, que servem como parâmetro de comparação para a Língua de Sinais, nossa hipótese é de que, de igual modo, os falantes utilizam da Polidez para atenuar o risco de perda da face (sua e/ou do ouvinte), e, inadvertida ou propositalmente, para potencializar o risco de perda da face, sendo a entonação da voz um dos mecanismos utilizados para isso.

Pesquisas interessantes e relevantes têm sido feitas no Brasil na área da Linguística de Sinais. Há, por exemplo, a pesquisa de Brito (1995) abordando a gramática; Felipe (1998) tratando da relação sintático-semântica dos verbos; Strobel e Fernandes (1998) explorando os aspectos linguísticos; Finau (2004) analisando os sinais de tempo e aspecto por um viés pragmático; Quadros (2004) com um apanhado

³ “Atos de fala que ameaçam a face.

fono-morfo-sintático; Xavier (2006) realizando uma descrição fonético-fonológica; Silva e Strazzi (2017) com uma análise dos marcadores discursivos, em especial, o gesto.

No entanto, sobre a Polidez na Língua de Sinais brasileira há apenas Ferreira-Brito (1995) que deu o primeiro passo em direção às estratégias de Polidez e atos de fala em Libras, e, Garcia (2018), que investiga a Polidez a partir da perspectiva do falante, de correlação entre o lugar de onde fala⁴ (formal/informal) e o sinal realizado (formal/informal).

Na literatura estrangeira, temos Stokoe (1960 [1978]) que ao observar Surdos conversando entre si, inaugurou os estudos linguísticos das línguas de sinais fornecendo-nos uma descrição da estrutura da Língua de Sinais americana (ASL), e, Klima, Bellugi *et al* (1979) tratando da gramática e da estrutura da Língua de Sinais americana (ASL). Já sobre a pragmática e a Polidez na Língua de Sinais na literatura estrangeira encontramos pouquíssimas pesquisas, entre elas as feitas por Roush (1999), (citado por Hoza), e Hoza (2007) que iniciou uma investigação sobre as marcas da Polidez na Língua de Sinais Americana (ASL). O estado da arte da linguística da Língua de Sinais acerca de seus aspectos pragmáticos, é, pois, quase inexistente, o que, de um lado, dá relevância especial para esta pesquisa, pois, traz à luz aspectos importantes e ainda pouco conhecidos da Língua de Sinais Brasileira em uso, como a ‘intenção’ do falante na produção do significado e o papel da implicatura no jogo inferencial da enunciação, e, de outro, a torna um verdadeiro desafio

A pesquisa que realizamos parte de um *corpus* de 384 atos de fala⁵, coletados entre os falantes da Língua Portuguesa e da Língua de Sinais brasileira de uma Universidade Pública Federal, em Curitiba (PR). Destes, selecionamos 10 para análise, uma vez que optamos, neste trabalho dissertativo, por concentrar nossos esforços na leitura e compreensão da literatura produzida sobre o tema, na

⁴ Sinalizar ou falar são termos sinônimos nesta dissertação, por isso, adotamos os termos ‘falante’ e ‘ouvinte’ tanto para Surdos sinalizantes como para Ouvintes sinalizantes.

⁵ O DCT em vídeo foi aplicado a 14 falantes da Libras e 6 falantes de português e, o DCT escrito foi aplicado a 34 falantes da língua portuguesa. Cada um dos informantes realizou um ato de fala para cada uma das 6 situações propostas.

sistematização, escrita e reescrita do conhecimento obtido e na coleta de dados. Acerca da pesquisa em si, resumidamente, podemos dizer que feita a coleta, seleção dos dados e estabelecida a metodologia de análise, identificamos e descrevemos as estratégias de Polidez e os possíveis marcadores realizados na Libras, tendo por comparativo a Língua Portuguesa.

1.2 OBJETIVOS

Como objetivo geral da pesquisa, nos concentramos em investigar as teorizações dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962) e da Teoria da Polidez (BROWN & LEVINSON, 1978 [1987]), na realização de pedidos em diferentes contextos situacionais usadas na Libras e no português curitibano. Três foram os objetivos específicos desta dissertação:

- Identificar as estratégias de Polidez, segundo o modelo por nós adotado, em pedidos com e sem reprovação, feitas por falantes da Libras e da Língua Portuguesa;
- Identificar os marcadores de Polidez utilizados por falantes da Língua de Sinais Brasileira;
- Verificar se os falantes – da Libras e do português – ao realizarem o ato de fala estão atenuando a ameaça gerada pelo ato de fala (FTA) ou potencializando essa ameaça.

1.3 RELEVÂNCIA ACADÊMICA E SOCIAL

A relevância desta dissertação está atrelada sob muitos aspectos ao ensino de línguas, já que o detalhamento teórico que realizamos pode vir a ser uma importante ferramenta de apoio aos professores, porquanto, uma das suas missões, seja no ensino da língua materna (L1) ou estrangeira (L2), é tornar os alunos competentes linguisticamente, e, tal tarefa envolve mais do que ensinar a gramática da língua ou a sua sintaxe e semântica. Envolve o desenvolvimento da capacidade discursiva, aqui

no sentido da competência pragmática, isto é, a competência relacionada com o que os filósofos da linguagem convencionaram chamar de linguagem do dia-a-dia, ou, a língua em uso, engrenagem que, em muitos sentidos, move a máquina social.

Os analistas do discurso constataram e registraram o fenômeno de que a língua move a realidade, porém os pragmaticistas o fizeram sob a perspectiva de que as palavras possuem sentido performativo, isto é, fazemos certas coisas com as palavras, bem ou mal, para o nosso proveito ou prejuízo, para o proveito ou prejuízo dos outros, isso porque, quando falamos, mais do que nos comunicar, adentramos no território do 'ego' – que nesta dissertação chamamos de 'face' e 'porta relacional' –, e, temos, também, que lidar com a entrada de outros nesse território. Daí que o professor ao adquirir e, posteriormente, dotar seus alunos de competência pragmática, estará fazendo algo não só de extrema importância, mas, de máxima necessidade, (posto que a face de ninguém é um lugar seguro), como tentaremos aclarar nas páginas seguintes.

2 A POLIDEZ LINGUÍSTICA

Síntese do capítulo

Neste capítulo elencamos algumas definições de Polidez e em seguida, destacamos a teoria de Austin (1962) segundo o qual atos de fala possuem uma condição de ‘felicidade pragmática’. Nós, por outro turno, afirmamos que além da condição de felicidade pragmática há outra que denominamos de ‘condição de felicidade polida’, vale dizer, se todo ato de fala atinge a face de alguém, o modo como o falante realiza este ato de fala pode ser ‘feliz’ se atingir a face conforme intencionado pelo falante, ou, pode ser ‘infeliz’ se atingir a face (seja a sua, seja a do ouvinte) de modo não pretendido pelo falante, ou, sem a competência necessária.

Discorreremos sobre o Princípio de Cooperação de Grice (1975) e como ele está ligado ao modelo teórico de Polidez por nós adotado.

Outro conceito que trabalhamos neste capítulo é o de ‘Face’, fundamental para o modelo de Polidez proposto por Brown & Levinson (1987/1994), que embora intangível é invariavelmente atingida sempre que realizamos um ato de fala.

Trabalhamos, também, o conceito de ‘FTA’s’ (*Face-threatening acts*). Discorreremos que existem estratégias para realizar o ato de fala e os respectivos FTA’s: O falante pode optar por realizar ou não (*don’t do* FTA) o ato de fala. Optando por realizá-lo, ele pode (i) fazê-lo abertamente (*bald on record*), isto é, sem nenhuma ação reparadora - “me dá o dinheiro” -; (ii) com reparação à face negativa do ouvinte - “você poderia me arrumar aquele dinheiro que te emprestei?” -; (iii) com reparação à face positiva do ouvinte - “você é sempre tão pontual com seus compromissos, e estou precisando daquele dinheiro que lhe emprestei” -; (iv) ou, de modo indireto (*off record*) – “lembrei que preciso pagar minha conta de luz e estou sem nenhum dinheiro.”

Expomos que, embora seja corrente afirmar a ideia de que a Polidez é um fenômeno linguístico destinado, em muitos aspectos, a evitar conflitos e minimizar imposições, ela pode ser usada para potencializar a ameaça à face.

Quando se pensa em Polidez em termos de senso comum, tem-se em mente, basicamente, formas de comportamento educado. O conceito científico, por outro lado, nesta que é uma das áreas mais populares da pragmática, apresenta formulações díspares, todas, porém, assentadas sob um único substrato teórico subjacente. (EELLEN, 2014)

Neste sentido, temos Mills (2003) que a vê como um conjunto de estratégias e

hábitos verbais que se constituem em normas para os indivíduos de uma determinada comunidade de prática. Temos Reiter (2000), *apud* Kaul (2014), que a vê como um conjunto de normas e valores coletivos adquiridos na infância como parte do processo de socialização e, posteriormente partilhados, desenvolvidos e reproduzidos dentro do grupo social. E, temos, Kerbrat-Orecchioni (2005), para quem a Polidez se traduz na ideia de que todo indivíduo é movido pelo desejo de ver preservado seu ‘território’ (corporal, material, espacial, temporal ou mental).

O conceito de Polidez adotado nesta dissertação é o da 1ª onda (ou vaga) e está relacionado à preservação e perda da face, que se dá: (i) por meio das escolhas linguísticas feitas pelo falante; (ii) pelo modo como ele escolhe realizar o ato de fala; (iii) pelas implicaturas feitas pelo ouvinte.

Por outro lado, há diversas abordagens sobre o tema: a gramatical, a sociolinguística interacional, a da análise do discurso, da psicologia social e dos estudos socioculturais. Como proposta de análise para a Língua de Sinais brasileira, adotamos duas vertentes: a gramatical e a sociolinguística interacional.

Antes de examinarmos o modelo teórico de Brown & Levinson (1978), necessário falarmos da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) e do Princípio de Cooperação de Grice (1975), posto que estão na base do modelo.

2.1 A TEORIA DOS ATOS DE FALA

Em sua obra *How to do things with words*, traduzida para o português em 1990 como “Quando dizer é fazer”, o filósofo da linguagem britânico, John Langshaw Austin⁶ (1990 [1962]) vê a linguagem não apenas como código ou discurso, mas como uma espécie de ‘fazer’. Ele demonstra como a linguagem é também uma forma de ação. A ideia que está por trás da teoria dos atos de fala é a de que a linguagem possui além do caráter conotativo e denotativo, um caráter performativo. Isto é, quando falamos podemos tanto informar como agir sobre a realidade.

Mas como isso se dá?

⁶ Lancaster, 26 de Março de 1911 — Oxford, 8 de Fevereiro de 1960.

Austin (1990 [1962]) observou que todo ato de fala possui três camadas. A primeira, o ato locucionário, é quando olhamos exclusivamente para os elementos linguísticos que formam o enunciado. Por exemplo, quando A diz para B: ‘o jogo foi ontem’, é perfeitamente transparente para qualquer usuário da língua o que A disse. O ato locucionário, portanto, é a porta de entrada de todo ato de fala. Alguém que não conhece a língua não passará por ele.

O ato locucionário possui, por sua vez, uma camada ilocucionária ligada à intenção do falante. Por exemplo, A diz a B (que faltou ao jogo de futebol): “você é um furão”, com o objetivo de dirigir-lhe uma crítica. O ato ilocucionário é, portanto, o que se faz quando se fala. A terceira camada foi denominada por Austin (1990 [1962]) como perlocucionária e está ligada aos efeitos do ato de fala. No exemplo dado, poderia ser que o ouvinte ‘furão’ começasse a comparecer para jogar no dia combinado.

Em ‘você tem uma caneta?’ o ato locucionário é uma pergunta com os elementos linguísticos todos que o compõem. O ato ilocucionário está em que o falante não está perguntando se o ouvinte tem uma caneta, mas, sim formulando um pedido. O ato perlocucionário é alcançado se o falante obtiver a caneta. Trata-se daquilo que Austin denominou de condição de sucesso do ato.

A teoria dos atos de fala é relevante para a Teoria da Polidez pois é por meio do ato de fala que o falante atinge a face e gera implicaturas.

No tocante as implicaturas geradas pela Polidez, podemos dizer que, assim como todo ato de fala possui uma condição de felicidade pragmática, ele possui, também, uma condição de felicidade polida. A primeira condição diz que seria claramente **infeliz** para um falante pedir para fechar a porta se ela já estivesse fechada. A segunda, aponta para o fato de que o modo como o falante realiza o ato de fala irá determinar, em uma dada medida⁷, como o ouvinte interpreta o ato de fala.

De aí asseveramos que, ao mesmo tempo que o falante ‘faz algo’ com as

⁷ Dada medida, porque, sempre há uma medida da implicatura que está totalmente fora do controle do falante, pois, irá depender das representações do ouvinte.

palavras (fazer com que alguém feche a porta), ele está também fazendo algo dirigido à face, isto é, atenuando ou aumentando ameaça à face (o peso do FTA).

2.2 O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO

Herbert Paul Grice⁸ (1975) descreveu nos seguintes termos o seu famoso Princípio de Cooperação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1975, p. 88). De acordo com este princípio, não se supõe que o falante despenderá energia para emitir um enunciado que o ouvinte não tenha competência para alcançar o conteúdo, ainda que o significado esteja implicado. Quem pergunta: “você tem uma caneta?” não espera ouvir como resposta “tenho” e não a receber. Nesta situação, falante e ouvinte sabem que embora o enunciado seja uma pergunta, o ato ilocucionário é um pedido formulado indiretamente.

Quando um professor diz a um grupo de colegas professores “Vagner é um excelente aluno”, sabendo que como pano de fundo todos partilham da informação de que ele plagiou o trabalho de conclusão de curso, fica evidente que o professor disse algo em que ele não acredita e que, portanto, pelo princípio da cooperação, ele está comunicando outra coisa diferente da que foi enunciada. O professor sabe que, em decorrência da implicatura, àqueles a quem ele dirige a mensagem a entenderão, ainda que nada tenha sido dito sobre Vagner ser um plagiador.

A partir do princípio de Cooperação surge a teoria das implicaturas conversacionais. O ponto de partida desta teoria, desenvolvida por Grice em 1967, baseia-se na diferença que é frequentemente observada nas conversas: o dito e o implicado. Grice (1967) lida com os mecanismos pelos quais as implicaturas são geradas e interpretadas e explica como, em certas situações, um enunciado pode significar algo diferente do que realmente se diz.

⁸ 13 de março de 1913, Birmingham, Inglaterra - 28 de agosto de 1988, em Berkeley, Califórnia.

A língua em uso é “um caso especial de comportamento intencional e racional” (GRICE, 1967, p.88) que confere meios diretos e indiretos de nos comunicarmos com outros. Se somos professores, por exemplo, podemos nos dirigir a um aluno em sala de aula e pedir: “desligue o celular”. Contudo, não raro, optamos por nos comunicar de modo indireto: “quem não tiver interesse em acompanhar a aula, fique à vontade para sair”. Ora, neste último caso, mesmo que o pedido para desligar o celular não tenha sido formulado, sabemos que, havendo informação contextual de fundo, o aluno entenderá a mensagem implícita no enunciado e, sabemos que ele não suporá que o que estamos dizendo é para ser levado ‘ao pé da letra’.

O dito e o implicado é, por sua vez, uma das ideias centrais do modelo de Polidez de Brown & Levinson (1987), uma vez que, além de boa parte dos enunciados carregar um excesso de significado, o modo como ele é feito circular pelo falante e o modo como ele é alcançado (implicado) pelo ouvinte determinam como ocorrerá a ameaça à face (FTA).

De acordo com Brown & Levinson (1987) o peso do FTA (*face threatening act* ou ato de ameaça à face), via de regra, será menor se o falante decidir se valer de um modo indireto para comunicar o ato de fala. Por exemplo, o professor, ao notar um aluno o tempo todo no celular, diz: “quem não estiver interessado em acompanhar a aula, pode se retirar.” Por meio desta escolha estratégica de comunicar o ato de fala, o falante está atenuando a ameaça à face que teria, possivelmente, sido gerada se ele optasse por dizer “Paulo, desligue o celular, você está atrapalhando a aula.”

A escolha estratégica, que gera o peso do FTA, por seu turno, é composta por uma série de elementos, entre eles, o contexto, os gestos, os elementos fonético-fonológicos (prosódia e entonação), e, as (bem fadadas, ou, mal fadadas) representações ou implicaturas feitas pelo ouvinte.

As implicaturas, por sua vez, são alcançadas pela observância ou violação a determinadas máximas, que Grice (1975) classificou em categorias.

À primeira categoria, a da QUANTIDADE, (relacionada com a quantidade de

informação fornecida), corresponde 2 máximas:

1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido, (para o propósito corrente da conversação).
2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

Segundo o autor, violar uma ou outra máxima é o que gera as implicaturas. Parafraseando o exemplo do próprio Grice (1975, p. 89): “se perguntarmos a hora a alguém, esperamos que ele responda nos dizendo a hora, mas se ele responder “no meu Rolex original são 18 horas e 57 minutos”, o ouvinte passa a ter o problema de ter que desvendar o que o falante está querendo dizer para além de informar a hora.

Sob a categoria da QUALIDADE encontramos a supermáxima “Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e duas máximas:

1. Não diga o que você acredita ser falso;
2. Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.

Exemplo dado por Grice (1975, p. 92): A sempre confiou seus segredos a B. A fica sabendo que B revelou um segredo seu. Então A diz a C, (que sabia da confiança que A depositava em B), “B é mesmo um grande amigo!” É óbvio que A, dado o contexto, quis comunicar algo diferente do que enunciou e, fez isso pela quebra da máxima da qualidade: “não diga nada que acredite ser falso.”

A categoria de relação tem uma única máxima: “seja relevante”, ou, em termos mais simples, “vá direto ao ponto”

Exemplo de Grice (1975, p. 93): é tarde da noite, e A está com o carro parado na rua. A encontra B e diz “estou sem gasolina” e B responde “há um posto virando a esquina”. Note, B violou a categoria de relação, porém, A, pelo princípio de cooperação, interpreta facilmente que B está querendo dizer que há um posto de gasolina aberto nas redondezas.

Outro exemplo de Grice (1975, p. 93): A diz “Smith parece que não tem namorada”, ao que B responde “ele tem ido muito à Curitiba...”. Recorrendo à ideia de que B violou a máxima da relevância, é possível entender que Smith tem uma

namorada que mora em Curitiba.

Outro exemplo de Grice (1975, p. 94): A diz a C: “B é mesmo muito chato.” C responde: “Quente hoje não é mesmo?”. Pela violação à máxima da relevância, é possível entender que C está querendo: “vamos mudar de assunto?”

A categoria do modo (relacionada não ao que é dito, mas como é dito) traz a super máxima: “seja claro”, e as máximas:

1. Evite obscuridade de expressão;
2. Evite ambiguidades;
3. Seja breve (evite prolixidade desnecessária);
4. Seja ordenado.

Exemplo de Grice (1975, p. 95): A e B estão conversando na frente de C. A é deliberadamente obscuro para com C, afim de que só B entenda o que ele diz.

Segundo Grice (1975), todo aquele que quiser participar de conversações proveitosas, por exemplo, dar ou receber informações, influenciar e ser influenciado por outros, está sendo conduzido pelo princípio de cooperação e das máximas, quer observando-as quer violando-as.

Em suma, um falante pode se relacionar com as máximas violando-as, optando por elas, resolvendo um conflito entre elas ou desrespeitando-as.

Por sua vez, as estratégias de Polidez (*bald on record*, *off record*, Polidez negativa e Polidez positiva) podem ser utilizadas pelos falantes para gerar implicaturas e, com isso gerar significado e realizar trabalho de face.

Delinearemos na próxima seção alguns dos pontos principais do esquema teórico de Brown & Levinson (1978 [1987]).

2.3 O MODELO TEÓRICO DE BROWN & LEVINSON

O modelo formulado pela linguista e antropóloga americana, Penelope Brown (1944) e pelo cientista social britânico Stephen C. Levinson (1947) foi construído de forma a permitir elencar uma série de estratégias que falantes se utilizam para produzirem seus atos de fala e o FTA. Segundo os autores, a avaliação quanto à

ameaça à face depende de se examinar os seguintes elementos: distância (D), poder relativo (P) e grau de imposição. Os autores desconsideraram, registre-se, vários aspectos, como o contexto em que é realizado o enunciado, o que, no entanto, não retira o brilhantismo da obra.

2.3.1 O CONCEITO DE FACE

Face é um dos conceitos centrais no modelo de Polidez de Brown & Levinson (1987). Trata-se de um conceito metafórico, não denotativo, encontrado, também, no folclore inglês, '*losing face*' e, entre as expressões idiomáticas do Brasil, 'quebrar a cara', querendo significar algo como humilhação e embaraço.

A noção de face - *self public image* - a que nos referimos é derivada da obra de Erving Goffman⁹ (1967), um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense. Podemos dizer que se trata do 'eu' (autoimagem/ego) que se apresenta quando estamos perante outros, e, da 'porta relacional' ante a qual nos encontramos quando em interação ou em jogo comunicativo com o outro.

Face, em apertada síntese, faz referência a algo universal que detém forte carga emocional. É algo que pode ser perdido, mantido ou incrementado, e, que é constantemente demandado na interação. De aí, o esforço que fazemos na preservação e proteção da nossa própria face.

Para Brown & Levinson (1987) a 'face' se divide em dois aspectos essenciais:

- (a) Face negativa (*negative face*): desejo de preservação pessoal, de liberdade de ação e de não sofrer imposições (de não ser impedido pelos outros);
- (b) Face positiva (*positive face*): desejo de possuir uma autoimagem pública consistente, que inclui o desejo de ser apreciado, aprovado e afirmado pelo interlocutor.

Todo falante deveria estar consciente da mútua 'vulnerabilidade' da face – sua e do ouvinte –, e da possibilidade, tanto de preservá-la, como de aumentar o risco de perda da face (do ouvinte e, sua própria). Quanto a esta, citamos como exemplo,

⁹ Mannville, Alberta, 11 de Junho de 1922 – Filadélfia, 19 de Novembro de 1982.

o falante que opta por dizer a um desconhecido, que está fumando no banheiro da Universidade, “aqui não é lugar para isso, você pode fumar lá fora?!”¹⁰

2.3.2 O CONCEITO DE FTA

Face aponta para o fato de que certos atos de fala são intrinsecamente ameaçadores e, para o fato de que o modo como escolhemos comunicá-los podem torná-los mais ou menos ameaçadores. De aí que, antes de realizar o ato de fala o falante procura calcular o peso que terá o ‘FTA’ (*Face-threatening acts*) do seguinte modo:

$$W_x = D(F, O) + P(O, F) + R_x$$

Onde W é o valor numérico que mede o peso do FTA;

D é o valor que mede a distância social entre falante e ouvinte;

P é a medida de poder do ouvinte em relação ao falante;

R é o grau de imposição que o FTA tem em cada cultura em particular.

Embora, P, D e R sejam as três dimensões que entram na determinação do nível de ameaça à face, elas não são as únicas. *Status*, autoridade, ocupação, identidade étnica, amizade, dentre outros elementos situacionais, também, entram no cálculo de avaliação do peso do FTA. Contudo, P, D e R são as dimensões consideradas no modelo por nós adotado.

Observemos exemplos, em que a distância social, o poder, e, o grau de imposição variam para mais ou para menos:

(1) “Com licença, você por acaso poderia me dizer que horas são?” (dito a um estranho, (D>))

¹⁰ Vale a pergunta: Será que haveria uma estratégia, num contexto como este, de reprovação, que pudesse atenuar a ameaça à face do ouvinte? Ainda que o falante se utilizasse da Polidez negativa, dizendo - “Será que você poderia, por gentileza, fumar lá fora?” – a ameaça à face, a depender das representações e implicaturas feitas pelo ouvinte, poderia não sofrer atenuação. E, se o falante optasse pela indiretividade, dizendo algo do tipo - “Poxa, tá abafado aqui.” - ainda assim, a ameaça, dadas as implicaturas que o ouvinte poderia fazer, talvez não fosse atenuada. Ainda assim, é válido para o falante adquirir maior competência para realizar trabalho de face.

(2) “Meu, que horas são agora?” (dito a um conhecido, (D<))

(3) “Com licença, preciso falar um minutinho com a senhora. É possível?” (dito a alguém que tem mais poder que o falante, (P>))

(4) “Podemos conversar agora?” (dito a alguém que tem menos poder que o falante, (P<))

(5) “Hey, teria como eu te pagar a passagem outro dia, por favor? Não trouxe dinheiro trocado”. (dito por um passageiro – que não quer trocar R\$ 100,00 por uma porção de moedas – ao cobrador do ônibus, por entender que o grau de imposição é pequeno (R<))

(6) Amigo, você tem troco para R\$ 100,00? (escolha estratégica dirigida por um passageiro ao cobrador, por entender que o grau de imposição do pedido é grande (R>)). Note que, ao dizer (5), o falante considera o FTA muito mais sério do que o FTA feito em (6)¹¹.

Para Brown & Levinson (1987) o falante, a fim de diminuir o risco de perda da face, sempre optaria, em uma escala de graus, primeiro, por ser indireto, em segundo lugar pela Polidez negativa, em terceiro lugar pela Polidez positiva e em quarto lugar, por comunicar o FTA abertamente, sem reparação, pelo modo *bald on record*. Na prática, porém, não é o que acontece.

2.4 CRÍTICAS AO MODELO DE BROWN & LEVINSON

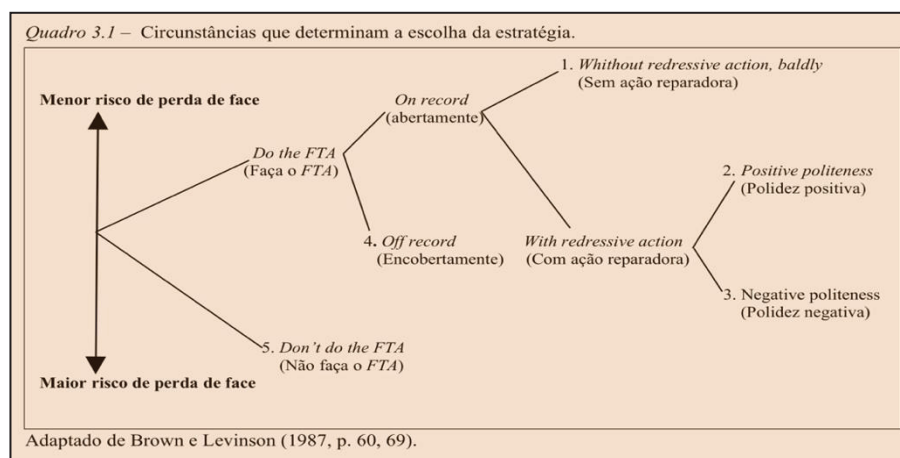
O modelo de Brown e Levinson (1987) recebeu muitas críticas ao longo dos anos. A principal diz respeito à sua universalidade. Para os autores, os princípios que regem as estratégias de Polidez se aplicariam indiscriminadamente em qualquer língua e cultura. Hoje, sabemos, isso não é assim. O que uma cultura e língua considera polido, outra pode não considerar. Exemplo canônico é aquele do falante nas culturas do Ocidente, quando diz: ‘você pode me passar o sal?’ a um russo, e este não consegue compreender o que, na nossa cultura, está sendo enunciado. O

¹¹ Os exemplos 1, 3 e 5 envolvem estratégias de Polidez negativa, enquanto 2, 4 e 6 envolvem estratégias de Polidez positiva.

russo, conhece a língua do falante e, compreende o ato locucionário, não, porém, o ilocucionário, (por isso, só entende que o falante está lhe fazendo uma pergunta acerca da sua capacidade de alcançar o sal). Outra crítica aponta para o fato de que Brown & Levinson (1987) centraram-se apenas nas intenções do falante e esqueceram que a Polidez também depende da interpretação e das atribuições de sentido dadas pelo ouvinte.

Quando escreviam '*Politeness*', Brown & Levinson (1987) achavam que no cálculo de "W" (FTA), se o risco de perda da face fosse maior, o falante optaria por realizar o ato de fala de modo indireto (*off record*), ou, então, por meio da Polidez negativa. E, se no cálculo, o risco fosse menor, a escolha recairia sobre a Polidez positiva ou sobre o modo *on record*, (sem ação reparadora):

QUADRO 1 – DIAGRAMA DAS CIRCUNSTÂNCIAS E ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ



FONTE: DIAS (2010).

Posteriormente, concluiu-se que, embora haja a correlação apontada, o risco de perda face somente pode, de fato, ser definido a partir do contexto (DIAS, 2011) e da cultura.

3 AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Na Libras, tomando-se por base o contexto¹² e a cultura, o grau de ameaça à face é materializado pelas escolhas lexicais, pelos marcadores fonético-fonológicos (prosódia), pelos gestos, velocidade do sinal e tamanho do espaço utilizado, assim como na língua portuguesa, ele é demarcado pelos elementos lexicais, fonéticos-fonológicos (entonação) e gestuais.

Brown & Levinson (1987) elencaram em seu modelo, cinco macro-estratégias de Polidez: Polidez *bald on record*, Polidez positiva, Polidez negativa, Polidez encoberta (indireta ou *off record*), *no do* Fta.

3.1 POLIDEZ BALD ON RECORD

Quando um falante escolhe a estratégia *bald on record* ele está optando por falar “na lata” - “traga pão e leite” -, isto é, ele escolhe observar algumas das máximas de Grice (1975) (no exemplo, ‘seja claro’ e ‘fale só o necessário’).

Esta escolha estratégica é feita porque, ao calcular o peso do FTA, o falante considerou (calculou “W”) que, na situação em que se encontra, realizar um FTA sem as estratégias da Polidez positiva, negativa ou da indiretividade é (ou, deveria ser) mais vantajoso.

3.2 POLIDEZ POSITIVA

Engloba atos de fala dirigidos à face positiva, e tem por objetivo gerar sentimentos de pertencimento, reciprocidade e camaradagem. Aqui, ao contrário da estratégia anterior, o falante a realiza, violando uma ou mais das máximas de Grice (1975).

As estratégias que decorrem da Polidez positiva têm como inconveniente, não raro, um certo tom de insinceridade, característico de expressões exageradas como “Nossa que cabelo maravilhoso! Ficou lindo mesmo!”.

¹² Exemplos de contextos: pedidos com e sem reprovação.

Brown & Levinson listam 15 estratégias de Polidez positiva, onde a face positiva do ouvinte é tratada com interesse e admiração, sendo que, em boa parte delas, o falante procura estabelecer um “terreno comum” com o ouvinte”¹³:

1. Note, dê atenção ao ouvinte, aos seus interesses, desejos, necessidades e bens: “Legal! Você cortou o cabelo. Ficou bacana. Viu... aproveitando... será que você tem um pouco de farinha?”
2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo ouvinte: “Que jardim lindo você tem!”
3. Intensifique o interesse pelo ouvinte: “Muito legal! Foi você quem fez?”
4. Use marcadores que identifiquem o pertencimento ao grupo: “Aqui *brother*, um lugarzinho pra você.”
5. Procure acordo: A – “Paulo foi ao Rio”; B – “Ao Rio... sei... e quando ele volta?”
6. Evite desacordo: A – “Tá sozinho ainda?” B – “Sim. Até que eu me case.”
7. Pressuponha; declare pontos comuns: “Nada fácil a primeira fase desse concurso não é mesmo?”
8. 8. Brinque; faça piadas: “Não sei não... tô achando que você é o homem de aço!”
9. Mostre que você se preocupa com os desejos do ouvinte: “Olhe eu sei que você quer o carro de volta antes das 23 horas. Então não se preocupe que eu estarei aqui antes que você imagina.”
10. Ofereça; prometa: “Eu posso ficar com seu cachorrinho para você.”
11. Seja otimista: “Já saio da vaga. É só um minutinho.”
12. Inclua ambos – falante e ouvinte – na atividade: “Vamos fazer uma pausa?”
13. Dê ou peça razões: “Por que não vamos à praia neste fim de semana?”
14. Assuma ou explicita reciprocidade: “Eu lavo e você seca, que tal?”
15. Dê presentes ao ouvinte (bens, simpatia, compreensão, cooperação): Pode ser realizada através de bens tangíveis (o falante dá um presente para o ouvinte) ou de bens intangíveis.

¹³ Os exemplos citados devem ser tomados apenas como deixas por meio das quais o leitor poderá construir imaginariamente a conversação e o contexto onde ela ocorre.

3.3 POLIDEZ NEGATIVA

QUADRO 2 - SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NEGATIVA

<p>Estratégias superiores:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Seja direto 2. Não presuma/presuma (faça o mínimo de pressuposição sobre os desejos do ouvinte, daquilo que é relevante para ele) 3. Não coaja o ouvinte (Dê opções ao ouvinte: 1. Seja indireto; 2. Não assuma que o ouvinte pode ou quer realizar o ato; 3. Assuma que o ouvinte não quer fazer o ato); (Minimize a ameaça: Explícite o valores P, D e R) 4. Dissocie do ouvinte a ameaça à sua face 5. Atenda a outros desejos derivados da face negativa do ouvinte. <p>Estratégias decorrentes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Seja convencionalmente indireto (1) 2. Questione; encubra (hedge) (2) 3. Seja pessimista (3) 4. Minimize a imposição (3) 5. Mostre deferência (3) 6. Peça desculpas (4) 7. Impessoalize falante e ouvinte (4) 8. Declare o FTA como uma regra geral (4) 9. Nominalize (4) 10. Mostre abertamente que está assumindo um débito com o interlocutor (5)

FONTE: A AUTORA (2018)

A Polidez negativa constitui-se em atos de fala dirigidos à face negativa do ouvinte, isto é, à vontade do ouvinte de ter liberdade de escolha e de ação. Embora sejam inúmeras as suas formas de realização, Brown & Levinson (1987) destacam 10 estratégias que, por sua vez, integram 4 estratégias superiores¹⁴.

¹⁴ Os exemplos de B&L seguem a lógica de que a Polidez negativa seria sempre usada para atenuar a ameaça à face. Nós, por sua vez, afirmamos que ela pode ser usada para aumentar tal ameaça.

Super estratégia n.1: seja direto

Brown & Levinson (1987) iniciam a lista de estratégias com um conceito que parece contradizer a Polidez negativa: “Seja direto”. De modo paradoxal, o falante é direto por meio de uma abordagem ‘convencionalmente indireta’. Esse efeito acontece quando formas indiretas de comunicar o ato de fala dão, em decorrência do seu uso rotineiro, a impressão de serem diretas. No exemplo, “você poderia me passar o sal?” o falante está dividido entre dois desejos: o de ser direto, maximamente eficiente, e o desejo de ser indireto, e evitar que o ouvinte se sinta coagido. De aí que ele utilize de uma pergunta que, tomada na sua literalidade, envolve a capacidade do ouvinte de realizar o ato – “você poderia?”. Se optasse por ser direto, o falante diria: “me dá o sal.”

Estratégia nº 1: seja convencionalmente indireto.

Como referido, trata-se de uma via estratégica que envolve um choque de desejos – o desejo de ser, ao mesmo tempo, direto e indireto. Por exemplo, “você pode me alcançar a caneta?” - ou em Libras, “CANETA (movimento do queixo para cima) PODER (movimento da cabeça para baixo e das sobrancelhas para cima)” -.

Tais expressões são, via de regra, tão convencionalizadas em cada cultura, que precisam de circunstâncias bastante bizarras para serem interpretadas em seu sentido literal. É difícil imaginarmos uma situação em que alguém diga “Você pode passar o sal?” com o intuito de apenas obter uma informação.

Atos de fala indiretos convencionalizados são classificados como idiomáticos porquanto não deixam dúvidas quanto ao seu significado e nem permitem uma interpretação literal. Quando um falante entra em uma loja e diz à atendente “eu preciso de um pente” ou então “estou procurando um pente”. ela entenderá perfeitamente que ele quer comprar um pente, apesar de ele ter dito ‘outra’ coisa.

Estratégia superior nº 2: não presuma/presuma.

As estratégias, que derivam desta estratégia superior, protegem o falante da tentativa de fazer suposições acerca dos desejos do ouvinte e de, com isso, criar

barreiras à interação cooperativa. Uma das formas de se realizar tal trabalho de face é encobrindo a força ilocucionária do ato de fala.

Estratégia 2: pergunte, encubra.

Esta estratégia deriva de dois desejos do falante: não querer fazer suposições ou predições acerca dos desejos do ouvinte e não querer coagi-lo. Assim, ao formular um pedido em forma de pergunta o falante encobre a potencial ameaça à face. Exemplo: “Será que teria como você me trazer aquele livro que te emprestei?”

Alguns *hedges* (mecanismos linguísticos que permitem camuflar a força ilocucionária do ato de fala) podem ser substituídos ou enfatizados por meios prosódicos ou cinésicos (gestos). Brown & Levinson (1987) citam, como exemplo das línguas orais, a sobrançelha levantada, a testa franzida, o encurvar dos lábios para cima, os “umms”, “ahhs” “humhums” e as hesitações. Como exemplo da relação da entre entonação de voz, gestos e grau de ameaça à face, citam que uma das expressões mais comuns na língua Tzeltal é *maskil!* (“Eu não sei”) proferida em tom alto e ‘de arrasto’, proferida com as mãos levantadas, palmas para fora, e os olhos erguidos para o céu, numa tentativa de proteção à face.

Estratégia superior nº 3: não coaja o ouvinte.

Esta estratégia superior envolve outra classe de estratégias usadas quando se pretende solicitar a ajuda do ouvinte ou oferecer-lhe algo que requeira sua aceitação. Para tais atos de fala, o controle sob o FTA é feito assumindo-se que o ouvinte não está disposto ou não é capaz de realizar o ato.

Estratégia 3: seja pessimista.

Por meio desta estratégia, o falante, que previamente codificou o perigo percebido do FTA, elabora o ato de fala expressando ‘dúvidas’ quanto à realização do ato pretendido: “Será que você poderia ir à panificadora?”

Estratégia 4: minimize a imposição (o R).

Uma forma de desarmar o FTA é indicar que R, (o grau da imposição), é pequeno, deixando apenas D e P como possíveis fatores de peso: “Será que eu poderia ter um segundinho da sua atenção?”

Estratégia 5: dê deferência.

A deferência tem uma natureza dúplice: o levantar do outro e o rebaixamento de si mesmo. O sistema de honoríficos japoneses é um exemplo clássico (c.f. AZUMA, 2014). Exemplo: o ônibus está lotado; você se dirige a alguém da mesma idade que você, e que está carregada de pacotes, e diz “você quer se sentar no meu lugar?”

Estratégia superior nº 4: comunique que conhece o desejo do ouvinte.

O falante comunica que reconhece os desejos que integram a face negativa do ouvinte por meio de pedido de desculpas ou demonstrando certa relutância quanto a impor o FTA ao ouvinte.

Estratégia 6: peça desculpas.

Desculpando-se por fazer o FTA, o falante admite o impacto do FTA e, com isso, corrige, ainda que parcialmente, o seu efeito indesejado: “Eu sei que você deve estar muito ocupado, mas será que ...”; “Eu sei que isso é muito chato, mas será que ...”; “Eu gostaria de pedir a você um grande favor...”.

Aos desculpar-se, o falante pode também indicar a sua relutância em realizar o FTA: “Eu normalmente não lhe perguntaria isso, mas...”; “Estou extremamente constrangida, mas...”.

Ao desculpar-se, o falante, também pode diminuir o débito que a realização do FTA gera: “Eu espero que você por favor me perdoe, mas...”; “Eu sinto muito lhe incomodar...”.

Estratégia 7: impessoalize falante e ouvinte.

Uma outra maneira de indicar que o falante não quer invadir o território do ouvinte é realizar o ato de fala em terceira pessoa, ou, que ele não é dirigido ao ouvinte.

Tal estratégia resulta em uma variedade de maneiras de evitar os pronomes "eu" e "você": "Que tal pararmos para um café?" (dito por alguém que precisa atender um telefonema).

Estratégia 8: Declare o FTA como uma regra geral.

O falante pode dirigir o ato de fala o FTA a todos ouvintes e não só ao ouvinte a quem, de fato, ele é dirigido: "Vamos todos nos concentrar na aula?" (dito por um professor que vê o aluno no celular)

Estratégia 9: nominalize.

Em algumas línguas, graus de Polidez negativa andam de mãos dadas com graus de substantividade, isto é, ao substantivar o verbo ou adjetivo o falante pode tornar mais ou menos ameaçador o enunciado. Compare: "Lamento, mas não poderei fazer o que está me pedindo..." com "É lamentável, de verdade, mas não há como lhe atender no momento...".

Distanciar ou aproximar o FTA de quem os realiza torna-os mais ou menos ameaçadores.

Estratégia superior nº 6: faça reparação a outros desejos da face negativa do ouvinte.

Uma estratégia final de ordem superior de Polidez negativa consiste em oferecer uma compensação parcial pela ameaça causada pelo FTA, focando em determinados desejos do ouvinte que derivam do núcleo daqueles desejos atendidos pela Polidez negativa - o desejo de integridade territorial e de autodeterminação. Por exemplo, se o ouvinte tem mais poder do que o falante ele pode diminuir o FTA assumindo ou dando a entender que ouvinte é mais poderoso do que ele.

Estratégia 10: mostre que está assumindo um débito com o ouvinte.

O falante pode realizar a reparação pelo FTA declarando explicitamente sua dívida com o ouvinte ou renunciando a qualquer endividamento deste por meio de

expressões como as seguintes: “Eu ficaria eternamente grato se você...” ou “Não seria nenhum problema; tenho que ir até lá de qualquer maneira...”.

Aqui terminam as estratégias de Polidez negativa. Passamos agora as estratégias que compõem a Polidez encoberta, também conhecida como modo *off record*.

3.4 POLIDEZ ENCOBERTA (INDIRETIVIDADE)

QUADRO 3 - SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ ENCOBERTA

Estratégias superiores:	
1.	Convide para fazer implicaturas conversacionais por meio de pistas decorrentes da violação das seguintes máximas de Grice:
	Estratégias:
	Viola a máxima de relevância: 1. Dê dicas; 2. Dê chaves de associação; 3. Pressuponha.
	Viola a máxima da quantidade: 4. Diminua a importância; 5. Exagere; 6. Use tautologias.
	Viola a máxima da qualidade: 7. Use contradições; 8. Seja irônico; 9. Use metáforas; 10. Faça perguntas retóricas.
2.	Seja vago ou ambíguo por meio da seguinte máxima:
	Estratégias:
	Viola a máxima de modo: 11. Seja ambíguo; 12. Seja vago; 13. Hiper-generalize; 14. Desloque o ouvinte; 15. Seja incompleto; use elipses.

FONTE: A AUTORA (2018)

Os processos reais que estão por trás da compreensão e, portanto, da produção da indireção na linguagem não são bem compreendidos, mas, essencialmente, o que está envolvido é um processo disparado pela violação das máximas, o que informa ao ouvinte que alguma implicatura deve ser feita.

Entre os vários motivos para o uso da linguagem indireta está a ocorrência do FTA e o trabalho de face que se quer realizar. Como enunciados *off record* usam linguagem indireta, o falante utiliza-se de construções que contenham menos informação, de modo a ampliar o leque de significados possíveis. Com isso, o ouvinte terá que fazer uso de maior trabalho inferencial para alcançar o significado pretendido pelo falante. A vantagem, é que o falante poderá, a depender da interpretação dada pelo ouvinte, cancelar o ato de fala¹⁵, enquanto que, a desvantagem é que, ao escolher a indireção, o falante precisará realizar maior esforço para controlar o FTA.

Cumprе ressaltar que as clássicas estratégias *off record* – metáfora, ironia, eufemismo, questões retóricas, etc. – nem sempre podem ser interpretadas pela via da indireção.

Estratégia superior n. 1: Convide para fazer implicaturas conversacionais.

O ouvinte se perguntará: “Por que ele disse isso desse jeito?” Por exemplo, se o falante diz “Humm, é muito abafado aqui”, o ouvinte pode implicar um pedido para que ele abra a janela. Todavia, como o pedido para abrir a janela não foi formulado abertamente, o ouvinte pode ignorá-lo impunemente.

Estratégia 1: Dê dicas.

Ao dizer algo que não é explicitamente relevante, o falante está convidando o ouvinte para fazer uma interpretação decorrente da violação da máxima da relevância. De certo modo, os casos de atos de fala verdadeiramente indiretos são realizados por meio de pistas que consistem em dar dicas para o ouvinte acerca do ato que se quer que ele realize como, por exemplo, declarando motivos ou razões para que ele faça X:

“Está frio aqui.” (implicatura: Feche a janela)

“Esta sopa está um pouco sem graça.” (implicatura: Passe-me o sal)

“Que dia quente!” (implicatura: Que tal uma bebida?)

“Que filme chato!” (implicatura: Vamos embora!)

¹⁵ O falante, ante a implicatura feita pelo ouvinte, poderá dizer: “não foi isso que eu quis dizer.”

Dicas também podem ser feitas afirmando ou questionando as condições para se fazer X (como em pedidos indiretos):

“A janela não está aberta.”

“Você não abriu a janela quando entrou.”

Estratégia 2: Dê pistas (chaves) de associação

Outro modo de desencadear uma implicatura por meio da violação à relevância é mencionar algo que esteja associado ao ato que o falante pretende que o ouvinte realize, como algo decorrente de algum fato acontecido e que envolva o conhecimento mútuo ou a experiência interacional de ambos. Exemplos:

“Minha casa não fica longe daqui.” (implicatura: Por favor, venha me visitar)

“Você vai ao mercado amanhã?” (implicatura: Posso pegar uma carona?)

Tais dicas deixam para o ouvinte a possibilidade de atender ou não o pedido e afastam do falante a responsabilidade pelo FTA.

Estratégia 3: Pressuponha.

Um terceiro modo de desencadear implicaturas por meio de pistas violando a máxima da relevância é fazê-lo por meio de pressuposições. Se o falante diz “Vou lavar o carro novamente hoje” fica implícita a pressuposição de que isto já foi feito antes. Assim, um enunciado pode ser quase totalmente relevante no contexto e violar a máxima da relevância a nível do que é pressuposto.

Em “ela é vereadora, mas é honesta”, o ‘mas’ está gerando a pressuposição de que ‘políticos não são honestos’. Outra maneira de pressupor é usar o estresse contrastivo que, em conjunção com uma violação contextual da máxima da relevância, carrega uma crítica “Eu não saio por aí me gabando das minhas realizações” (pressupõe que alguém fez ou faz isso) ou “Não fui eu que fiz isso” (sugere que alguém fez).

Estratégia 4: Subestime, diminua a importância.

De certo modo, todas as implicaturas conversacionais violam a máxima da quantidade, uma vez que, ao ser indireto, o falante está inevitavelmente dizendo alguma coisa a menos ou, então, diferente do que ele realmente pretende transmitir.

Ao dizer menos ou mais do que o necessário, o falante convida o ouvinte a considerar o motivo. Subestimar, portanto, é uma maneira de gerar implicaturas. O falante faz isso escolhendo um ponto em um predicado escalar (por exemplo, alto, bom, legal) que esteja abaixo do ponto que realmente descreve o estado de coisas. Por exemplo, o falante diz "Ele está bem", querendo implicar uma crítica do tipo "ele está horrível" ou querendo implicar um elogio do tipo "eu acho ele fabuloso." Outros exemplos:

A: O que você acha da professora Paula?

B: Não vejo nada de errado com ela. (Não acho que ela é tão boa assim).

A: O que você achou do novo corte de cabelo do Felipe?

B: Legal. (Eu particularmente não gostei).

"Essa casa precisa de um toque de tinta" (Muito trabalho precisa ser feito.).

Estratégia 5: Exagere, aumente a importância.

O falante faz isso escolhendo um ponto em uma escala que é mais alto do que o é na realidade. Exemplo: "Havia um milhão de pessoas esperando o elevador hoje à noite (Me desculpe pelo atraso). "Eu tentei te ligar mais de cem vezes." (Você não quer falar comigo?). "Aqui nunca ninguém lava a louça?" (uma crítica está implicada aqui).

Estratégia 6: use tautologias.

Um terceiro método de gerar inferências por meio de violações à máxima da quantidade é expressar verdades que são patentes. Ao proferir uma tautologia, o falante incentiva o ouvinte a procurar uma interpretação que informe o que o

enunciado parece não informar. Pode ser uma desculpa “Guerra é guerra” ou pode ser uma crítica “Suas roupas são suas roupas, as minhas são as minhas.”.

Estratégia 7: use contradições.

Violando a máxima da qualidade (fale a verdade, seja sincero) o falante força o ouvinte a procurar alguma implicação que preserve a suposição de qualidade, que é talvez o princípio mais básico do uso da linguagem. Segundo Brown & Levinson (1987), violações a ele fornecem as principais figuras de linguagem e muitas das ferramentas da retórica.

Contradições, como as produzidas por ironias, metáforas e questões retóricas envolvem violações à máxima da qualidade. Ao declarar duas coisas que se contradizem o falante faz parecer que ele não pode estar dizendo a verdade, portanto encoraja o ouvinte a procurar uma interpretação que reconcilia as duas proposições contraditórias. Exemplo:

A “Você está chateado com isso?”

B “Bem, sim e não.” (Pode estar implicando uma queixa ou uma crítica)

A “Você está aí?”

B “Estou e não estou!” (pode implicar que ele não quer conversar no momento).

Estratégia 8: seja irônico.

Ao dizer o contrário do que se quer dizer, novamente uma violação pode transmitir indiretamente o significado pretendido. Tais pistas podem ser decorrentes da prosódia, de um gesto ou simplesmente do contexto. Exemplo: “Paulo é um gênio!” dito depois de ele ter feito uma coisa estúpida, implica que, na verdade, ele é um idiota. Muitas das formas de ironia são expressadas por meio de *hedges* como ‘realmente’, ‘justo’, ‘exatamente’.

Estratégia 9: Use metáforas.

As metáforas compõem uma categoria especial de violação da máxima da qualidade. O falante pode usá-las abertamente (*on-record*), mas com conotação de indiretividade. Trata-se, na verdade, de uma falsa estratégia *off record*. Por exemplo, “Carlos é um tubarão.” Pode estar implicado que ele é “um exímio nadador”, ou, que “ele é perigoso”.

Estratégia 10: use perguntas retóricas.

Fazer uma pergunta sem nenhuma intenção de obter uma resposta é quebrar a condição de sinceridade justamente em questões em que o falante quer que o ouvinte lhe forneça as informações indicadas. Essa condição de sinceridade se segue diretamente da injunção “Seja sincero”, ou seja, da máxima da qualidade. Assim, perguntas que deixam respostas suspensas no ar, (implicadas), podem ser usadas, no trabalho de face. Exemplo: “Como eu poderia saber...?” (possível implicatura: um pedido de desculpa, (eu não sabia)). “Quantas vezes eu tenho que te dizer...?” (possível implicatura: uma crítica, (muitas)); “O que eu posso dizer?” (Nada! Isto está tão ruim)).

Estratégia superior nº 2: seja vago ou ambíguo.

Ao invés de convidar o ouvinte a realizar uma implicatura em particular, o falante pode optar por escolher ser vago ou ambíguo, de modo que a intenção que ele quer comunicar permanece indefinida. Como acontece com as estratégias já apresentadas, pode ser que as pistas sintetizem, no contexto, um enunciado não ambíguo, no entanto, a vagueza ou a ambiguidade podem estar sendo usadas propositalmente como uma estratégia de Polidez para realizar o trabalho de face.

Estratégia 11: seja ambíguo.

O falante ao optar pela ambiguidade no trabalho de face, escolhe não evidenciar a sua verdadeira intenção comunicativa. Por exemplo: “Clara é magra como uma tábua” pode ser interpretado tanto como um elogio, como com um insulto.

Estratégia nº12: seja vago.

O falante pode realizar um FTA de modo *off record*, sendo vago sobre quem é o objeto do FTA ou sobre qual é a ofensa. Exemplo: “Parece que alguém esqueceu a chaleira ligada.” “Estou indo, você sabe onde...”

Estratégia nº 13: hiper-generalize.

O falante pode optar por deixar o objeto do FTA difusamente *off record*. Exemplo: “Algum bom samaritano poderia me ajudar com a louça?” O mesmo se dá com o uso de provérbios, ainda que suas implicaturas possam ser já tão convencionalizadas que sejam tidas como *on-record*. Exemplo: “Não atire pedras se você também tem telhado de vidro”, “aquele que ri por último, ri por mais tempo”.

Estratégia nº 14: Desloque o ouvinte.

Por meio desta estratégia o falante escolhe direcionar o FTA não para o seu interlocutor, o verdadeiro alvo do seu FTA, mas, para outro alguém. O falante espera, com isso, que o alvo real perceba que o FTA é dirigido a ele, tal como acontece com pedidos feitos de modo indireto de modo a permitir ao ouvinte escolher atender ou não o pedido, já que a ameaça à face não recai diretamente sobre ele. Exemplo: Beatriz não quer pedir ao Carlos, que está mais próximo do interruptor, acender a luz, então, ela pede ao Paulo, na esperança de que Carlos atenda ao seu pedido.

Estratégia 15: seja incompleto, use reticências.

Esta estratégia implica tanto uma violação da máxima de quantidade quanto da máxima de modo. Enunciados elípticos permitem deixar o FTA ‘pairando no ar’. Exemplo: Cristina diz à Fernanda, que lhe deu um comprimido para dor de cabeça na semana passada, “ai...que dor de cabeça!” na expectativa de que Fernanda faça o mesmo novamente.

Terminam aqui as estratégias de Polidez segundo o modelo de Brown & Levinson (1987/1994). Elas são importantes porque além de apontá-las em nossa análise de dado, elas, são usadas para realizar trabalho de face.

4 ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LIBRAS

Primeiro ponto que queremos destacar é que quando tratamos de conceitos como fonologia (prosódia), léxico, sintaxe, pragmática das línguas de sinais não estamos com isso alterando o significado de tais termos:

Apesar de as línguas de sinais se manifestarem em uma modalidade diferente das línguas orais, os pesquisadores dessas línguas vêm empregando a mesma terminologia utilizada na descrição e análise das línguas orais, quando esta adequadamente designa aspectos semelhantes entre esses dois conjuntos de língua. Por essa razão, nesta tese chamo de unidades fonológicas aquelas com base nas quais contrastes lexicais são estabelecidos na libras e falo de diferentes pronúncias dos sinais, quando me refiro às formas distintas que estes podem assumir nas produções de diferentes sinalizantes ou de um mesmo sinalizante, sem que isso represente qualquer alteração em seu significado (XAVIER, 2014, p. 28).

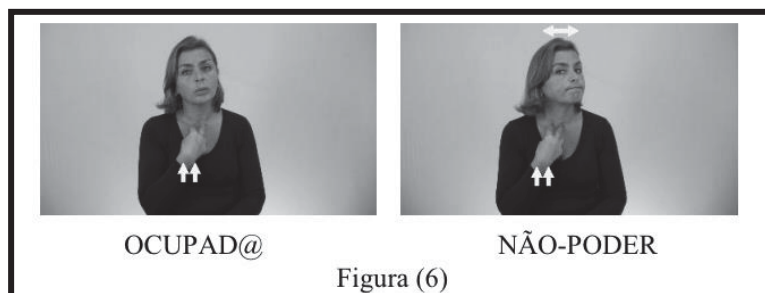
Por outro lado, podemos dizer que as línguas de sinais são imagéticas, tridimensionais e se ancoram no padrão da simultaneidade. Um significado, um conceito, uma sentença, um enunciado, embora apresente traços de linearidade, é construído de modo não linear, como ocorre com as línguas orais (v.g. ‘João correu muito’), mas de modo simultâneo. Vale dizer muito ou tudo é colocado junto, como se fosse um aparente amontoado quando é algo perfeitamente organizado linguisticamente. As línguas de sinais são, também, de maneiras significativas muito semelhantes às línguas orais e cumprem as mesmas funções sociais e mentais:

As línguas de sinais são sistemas convencionais de comunicação que surgem espontaneamente em todas as comunidades surdas. Eles são adquiridos durante a infância através da exposição normal sem instrução. As línguas de sinais cumprem efetivamente as mesmas funções sociais e mentais das línguas faladas, e podem ser interpretadas simultaneamente de e para as línguas faladas em tempo real. Essas características comuns básicas levam a uma expectativa convincente: que as linguagens naturais nas duas modalidades serão semelhantes entre si, do ponto de vista estritamente linguístico, tanto no conteúdo quanto na organização. Mas quão semelhantes são as línguas de sinais e as línguas faladas? Quando tentamos descrever e analisar a morfologia, a sintaxe e a fonologia na Língua de Sinais, estamos vagando no campo da metáfora? Ou estamos viajando em território familiar? Por “fonologia da Língua de Sinais”, por exemplo, queremos dizer apenas que as linguagens de sinais têm uma taxonomia de componentes formacionais? Ou realmente queremos dizer que eles têm um conjunto finito de unidades contrastantes sem sentido que se combinam de formas limitadas para formar morfemas e palavras significativas, e que as representações mentais desses itens lexicais podem diferir previsível e discretamente de sua realização real? A diferença entre a última caracterização e a primeira é a

diferença entre a analogia metafórica com a fonologia da linguagem falada e a comparação concreta. Mais do que isso, a última caracterização descreve um sistema linguístico e o primeiro, bem, quase tudo. Pensamos que a maneira de abordar essa questão é levar a teoria linguística a sério, como uma teoria sobre as propriedades universais da linguagem humana, e usá-la na investigação de linguagens humanas naturais em uma modalidade física diferente. (SANDLER E LILLO-MARTIN, 2006, p. 13).

Quando, pois, falamos de língua de sinais estamos falando de um sistema linguístico complexo e, uma vez que nos concentramos na análise da Libras, torna-se importante descrever, ainda que de modo resumido, a sua estrutura e funcionamento. Para tanto, optamos por parafrasear o texto de Xavier (2011). Este autor, na esteira de Stokoe (1960), destaca que os itens lexicais das línguas de sinais, tal como acontece nas línguas orais, são decomponíveis em um conjunto finito de unidades menores ou sublexicais: configuração de mão (disposição dos dedos durante a produção dos sinais), localização (lugar no corpo ou em frente a ele em que os sinais são realizados), movimento (forma como a mão se desloca no espaço quando da articulação de um sinal), orientação da palma da mão, número de mãos. Estudos posteriores incluíram as marcações não manuais (expressões faciais e/ou movimentos de cabeça e/ou do torso) no rol de primitivos fonológicos das línguas de sinais, tanto que, “é possível encontrar também na libras pares de sinais que contrastam unicamente em relação às suas marcações não-manuais. Um exemplo disso é o par de sinais OCUPAD@ e NÃO-PODER, representados pelas imagens” (XAVIER, 2011, p. 126).

FIGURA 23 – PARES DE SINAIS



FONTE: XAVIER, 2011, p. 126.

No exemplo, “o sinal OCUPAD@ difere do sinal NÃO- PODER em virtude de o primeiro ser realizado sem qualquer marcação não-manual e, o segundo, além das atividades da mão, envolve também atividades da face (lábios comprimidos) e da cabeça (movimentos para os lados).” (XAVIER, 2011, p. 126).

É, pois, a relação de todos esses elementos, (configuração de mão, localização do sinal, movimento, expressão corpóreo facial, etc), entre si que faz a língua funcionar. O destaque da nossa pesquisa, por sua vez, ficou concentrado nas marcações não manuais, nada obstante a existência de outros elementos que marcam a Polidez, como o uso do espaço, a velocidade do movimento, pois, são elas, que, segundo constatamos, essencialmente definem se o ato de fala está atenuando ou potencializando a ameaça à face. Neste sentido, no vídeo em nota¹⁶, observa-se a projeção do tronco para frente, o encolhimento dos ombros, o inclinar da cabeça, a expressão feita com os olhos e com a boca estão, em conjunto com o contexto e a intenção do falante, atenuando o ato de fala “filhinhoo... você pode rapidinho ir lá pra mamãe?”.

Na ASL (Língua de Sinais americana), também foram elencados ‘modificadores não manuais’, indicativos da Polidez:

Um tipo particular de expressão linguística é exclusivo das línguas de sinais, como o ASL: são os modificadores não-manuais (NMMs). Para esclarecer, os NMMs são marcadores específicos que (a) ocorrem na boca, (como lábios apertados), ou (b) envolvem o corpo e a cabeça, (como um certo movimento do corpo ou da cabeça de um lado para o outro). Os NMMs são diferentes dos marcadores gramaticais em ASL que marcam categorias sintáticas específicas, como as perguntas (testa franzida, inclinação da cabeça para a frente e um certo direcionamento do olhar). Os marcadores gramaticais geralmente usam sobrelanceiras levantadas ou abaixadas e movimento do corpo, como inclinar-se para frente ou para trás. Outros tipos de marcadores gramaticais são usados em ASL para marcar negação, tópicos e perguntas retóricas. Por sua vez, o marcador de Polidez (pp) encontrado “é feito com lábios franzidos, às vezes com a mandíbula abaixada” (HOZA, 2007, p. 127).

Hoza (2007) relata a experiência de Roush (1999), que encontrou em pedidos realizados na Língua de Sinais israelense o marcador de Polidez (pp), - ‘lábios comprimidos’ - para atenuar atos de fala de recusa, e que tinham, no contexto, o significado de “não é ruim / é uma boa ideia / eu vou pensar nisso” e, parecia ser

¹⁶ <https://youtu.be/lvxRO5kwAS8> (aos 2:13)

usado quando não se queria expor uma opinião ou sugestão ou, se queria evitar assumir compromisso.

Mapson (2014), por sua vez, afirma que marcadores não manuais agem como equivalentes ao estresse fonético-fonológico da língua oral, pois, enquanto na fala, a entonação usa apenas um articulador, que são as cordas vocais para fazer sons de fala de tom diferente, a entonação nas línguas de sinais é transmitida através da velocidade e tamanho dos sinais manuais e envolve múltiplos articuladores não manuais (como sobrancelhas, pálpebras, bochechas e lábios) que podem ser usados em combinação uns com os outros.

Ainda que resumidamente, esperamos ter oferecido um apanhado de como é funcionamento das línguas de sinais. O fizemos, em virtude de já existir bastante e boa literatura disponível sobre o tema, focando nos marcadores não manuais, dado que são eles que estão no centro da nossa pesquisa.

4.1 A POLIDEZ COM FOCO NA LIBRAS

As estratégias de Polidez descritas no capítulo 3 acontecem por meios linguísticos que podem ser discursivos, lexicais, sintáticos, fonéticos-fonológicos e gestuais. Vejamos esses mecanismos na Libras, tendo por comparativo a Língua Portuguesa.

4.1.1 MEIOS DISCURSIVOS

A Polidez por meio do discurso acontece de várias formas. Ao fazer um pedido, o falante pode optar por satisfazer a face positiva do ouvinte, por exemplo, abrindo o ato de fala com um assunto de interesse mútuo. Isto é, o falante procura “criar uma atmosfera emocional favorável para que o pedido aconteça” (ZORNING, 1987, p. 29). Um caso trivial é o da mãe que mostra respeito e interesse pelas atividades do filho e, ao pedir-lhe para ir ao mercado, inicia o pedido dizendo coisas como: “Filho, eu sei que você está ocupado com as suas coisas, mas...”.

Há, também, formas discursivas de atenuar pedidos com reprovação, como por exemplo quando o falante precisa pedir ao ouvinte para não fumar no banheiro público

ou para o colega com quem divide o aluguel cumprir com sua parte no combinado e limpar a cozinha.

Na Libras, encontramos os mecanismos discursivos destacados nas figuras, e que foram usados pelos falantes para atenuar a ameaça à face em pedidos com reprovação. Trata-se de algo como “eu não sei de nada, tô só avisando”, “você que sabe...” ou “como a gente faz então...”:

FIGURA 1 - "EU NÃO SEI DE NADA, TÔ SÓ AVISANDO.."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 2 - "VOCÊ QUE SABE...."



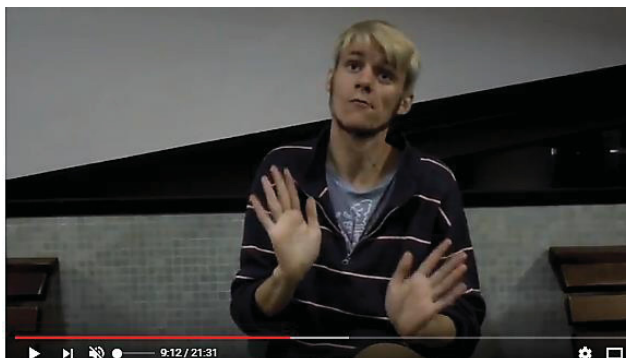
FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 3 - "COMO A GENTE FAZ ENTÃO...."



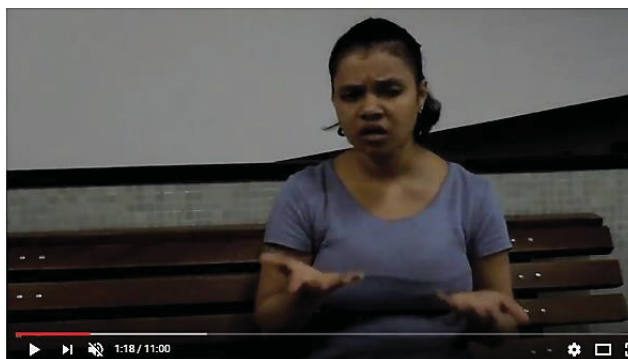
FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 4 - "VEJA BEM..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 5 - "...DESSE JEITO NÃO DÁ..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Ainda na ótica do discurso, o falante pode, por exemplo, admitir a inconveniência do pedido ("Posso lhe pedir um favor?"), mostrar relutância ("Eu não quero te interromper, mas ..."), explicar porque está fazendo tal pedido ("Eu esqueci de ... você poderia ..."), pedir desculpas ("Desculpe incomodá-lo, mas...")." (ZORNING, 1987).

O falante pode, também, optar pela estratégia *off record*, (deixando o ouvinte livre para atender o pedido se quiser e ainda com a chance de cancelar o pedido caso este seja malsucedido). Por exemplo, ao invés de dizer "alcance meu casaco" ele escolhe dizer "que casco lindo esse aí do seu lado" e esperar que o ouvinte entenda o implicado. O falante pode ainda optar pela estratégia *bald on record*, e ao invés de dizer para o seu filho que está sentado ao seu lado na mesa "por gentileza, você poderia me alcançar o pão?", e passar por um pai distante e careta, dizer "me passa o pão" (com uma entonação que atenua a ameaça que decorre da maioria dos pedidos).

4.1.2 MECANISMOS LÉXICO-SINTÁTICO-GRAMATICAIIS

Por meio de escolhas lexicais, o falante, ao realizar o ato de fala, pode optar por estabelecer solidariedade ou uma base comum entre ele e o ouvinte. Por exemplo, "o uso de jargões ou gírias ('amigo, 'brother') mostra que ambos confiam em coisas específicas e participam de uma mesma comunidade. Já o uso de reticências e contrações apontam para um 'conhecimento mútuo compartilhado', que podem tornar, sem muito esforço mais, o pedido interpretável para ambos" (ZORNING, 1987, p. 30). Na Libras, encontramos a expressão abaixo feita pelo falante quando realizava um pedido para o colega limpar a cozinha conforme haviam combinado:

FIGURA 6 "..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

O uso de diminutivos e formas carinhosas também entram nesta forma de delimitar as estratégias de Polidez ('cherry', 'querida', 'amado', 'chuchu'). Na Libras, dada a ausência de nomes próprios e de outras expressões como "benzinho" (Ferreira-Brito, 1995), o Surdo se vale do sinal (uma espécie de nome que é dado a cada um que ingressa na comunidade surda)¹⁷ ou, então, de vocativos como o "Hey", muito utilizado pelos falantes de Libras:

FIGURA 7 - "HEY..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

¹⁷ https://youtu.be/cDEIZrL_7rl

FIGURA 8 - "HEY..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 9 - "HEY..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 10 - "HEY..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Para marcar a Polidez na língua de sinais, o falante também se utiliza de léxicos específicos como “por favor”, “desculpe”, “com licença”:

FIGURA 11 - "POR FAVOR..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 12 - "DESCULPE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 13 - "POR FAVOR..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 14 - "DESCULPE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

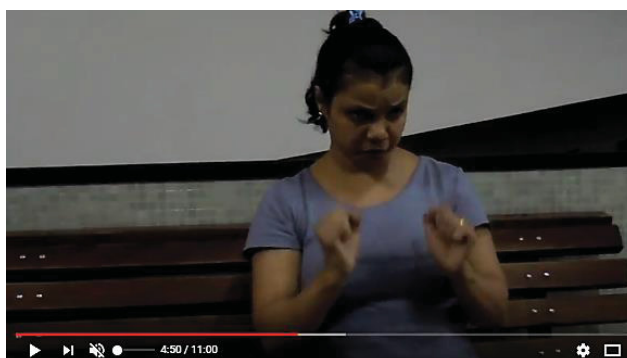
Ferreira-Brito (1995), também relatam a modalização verbal como forma de construção de enunciados polidos em Libras, e citam os verbos modais “PODER”, “QUERER” e “PRECISAR” como os mais utilizados pelos falantes de língua de sinais. Em nossos dados, observamos que o verbo “PODER” é o mais utilizado por sinalizantes da comunidade de prática investigada para atenuar o ato de fala (e, via de regra, são adicionados ao final do enunciado):

FIGURA 15 - "PODE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 16 - "PODE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 17 - "PODE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 18 - "PODE..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Uma outra estratégia lexical de Polidez que reduz a distância do falante/ouvinte, pressupõe a cooperação entre ambos, e mitiga a ameaça decorrente do pedido, “é o uso das formas pronominais inclusivas 'nós / a gente' bem como a forma verbal 'vamos', embora o falante esteja realmente significando "você" ou "eu".” (ZORNING, 1987, p. 30). No caso da Libras, no entanto, a apontação é utilizada na marcação pronominal, não sendo utilizada pelos falantes como mecanismo de Polidez.

Por sua vez, advérbios como 'apenas', 'só', 'talvez', e expressões como 'um pouquinho', 'um minutinho', 'por favor', 'desculpe' inseridos em pedidos são exemplos de Polidez negativa lexical que permitem ao falante diminuir o grau de imposição (R). Na Libras, encontramos a expressão “dá” realizando esse tipo de mitigação:

FIGURA 19 - "DÁ..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

O falante pode se valer, também de “marcadores de possibilidade remota, como "talvez" e "por acaso", de modo a indicar para o ouvinte que está ciente da quantidade de imposição e se sente pessimista em relação a se o pedido será bem-sucedido ou não.” (ZORNING, 1987, p. 31). Na Libras, encontramos dentro dessa categoria de marcador de Polidez, a expressão – “então...”:

FIGURA 20 - "ENTÃO..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Ferreira-Brito (1995) destaca como marcador de Polidez gramatical a alteração no parâmetro movimento. Segundo a autora, quanto mais curto e delicado o ato, mais polido está sendo o falante. É possível, de fato, como no exemplo do vídeo, visualizarmos o movimento mais pausado indicativo de Polidez¹⁸. O uso do espaço, também, é outro parâmetro importante de Polidez. Via de regra, quando a Polidez está sendo usada para atenuar o ato de fala, o espaço utilizado tende a ser menor e, ao contrário, quando a Polidez está sendo utilizada para potencializar a ameaça à face, o espaço utilizado pelo falante tende a ser maior.

4.1.3 MECANISMOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Os dispositivos fonéticos-fonológicos são uma outra forma de expressar a Polidez, que, na Libras, estão marcados pelas expressões faciais e corporais. Observe nos exemplos a seguir as expressões que acompanham o léxico, as quais quando analisadas nos contextos situacionais, respectivamente, podem potencializar ou atenuar a ameaça gerada pelo ato de fala:

¹⁸ <https://youtu.be/6G9RuTeAtis>

FIGURA 21 - "EXPRESSÃO FACIAL DE POTENCIALIZAÇÃO DA AMEAÇA"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 22 - "EXPRESSÃO FACIAL DE ATENUAÇÃO DA AMEAÇA À FACE"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Entre várias razões, os dispositivos fonéticos-fonológicos são importantes, pois, como dito, a depender da forma como são realizados, eles podem implicar tanto em diminuição da ameaça à face como em aumento da ameaça. Nas línguas orais, Zorning (1987), relata o caso de garçonetes indianas contratadas para trabalhar em um aeroporto em Londres que ao dizer “*gravy*” (“quer um pouco de molho?”) em um tom decrescente davam a impressão de estar sendo rudes com os clientes:

“(...) Gumperz (1977: 208) ilustra a importância da entonação ao relatar o caso das "recém-contratadas mulheres indianas e paquistanesas" trabalhando em um refeitório em um grande aeroporto de Londres, que foram consideradas rudes e não cooperativas ao dizer "Gravy" com entonação decrescente (o que significa "Isto é molho" em vez de dizê-lo com a entonação ascendente "Gravy?" (o que significa "Você quer um pouco de molho?" ou "Você gostaria de um pouco de molho?"). Brown e Levinson não se ocupam das estratégias fonológicas e não mencionam a entonação como um mecanismo presente nas estratégias de Polidez.” (ZORNING, 1987, p. 31)

Embora B&L (1978) não tenham destacado a prosódia ou entonação em seu modelo de Polidez, são elas que alteram de modo substancial o peso do FTA. Nas línguas de sinais, a prosódia se confunde com os mecanismos não-verbais a seguir descritos.

4.1.4 SIGNOS NÃO-VERBAIS

Comunicar envolve além da competência linguística, “o conhecimento e a utilização de informação pragmática, social, situacional, geográfica, de signos e de sistemas de comunicação não verbal.” (Cestero, 2005, p. 593).

Signos não verbais, afirma Cestero (2005), constituem-se em uma parte substancial e primordial da comunicação humana. Pouca atenção, contudo, lhes é dispensada no ensino de uma língua estrangeira, pois, além da primazia do sistema verbal, pouco conhecimento se tem a respeito. De qualquer forma, incluem as seguintes categorias:

- O sistema paralinguístico, formado pelas qualidades fônicas, signos sonoros fisiológicos ou emocionais, elementos quase-léxicos, pausas, silêncios, os quais comunicam ou matizam o sentido dos enunciados verbais a partir de seu significado ou de algum de suas componentes inferências;
- O sistema quinésico dado pelos movimentos e posturas corporais que comunicam ou matizam o sentido dos enunciados verbais;
- O sistema proxêmico que trabalha com a concepção de espaço, a estruturação e uso que o ser humano faz dele;
- O sistema cronêmico voltado para a concepção que se tem do tempo em uma cultura determinada, a estruturação e o uso que se faz dele. (Cestero, 2005, p. 596)

Os dois primeiros são os que nos interessam para esta dissertação, pois, além de envolverem os elementos fonético-fonológicos (sistema paralinguístico) e os

elementos corporais (sistema quinésico), estão diretamente atrelados ao significado produzido pelo falante.

Nas línguas orais, estratégias quinésicas são as expressões produzidas pela face e pelos gestos que acompanham o enunciado, tais como, os movimentos emblemáticos das mãos, quando dizemos ‘ok’ ou ‘positivo’ (<https://youtu.be/7aYJfwgQhdc>):

FIGURA 23 - EMBLEMA



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Na Polidez, estabelecer contato visual ou sorrir são estratégias não-verbais que mitigam ou potencializam o FTA, e “podem, por si só, ter a força ilocucionária de uma solicitação¹⁹.” (ZORNING, 1987, p. 34). Cestero (2005, p. 598) recorda que os signos dos sistemas de comunicação não verbal são plurifuncionais, isto é, em qualquer momento da interação, podem cumprir uma ou mais das seguintes funções fundamentais:

1) Acrescer informação ao conteúdo ou ao sentido de um enunciado verbal ou matizá-lo. Quando se utilizam elementos não verbais para cumprir esta função, se pode fazê-lo:

1.1. Especificando o conteúdo ou sentido de um enunciado verbal. Por exemplo, o tom com que emitimos uma interjeição como “caramba!” fará com que indique assombro, surpresa, incredulidade, etcétera.

1.2. Confirmando o conteúdo ou o sentido de um enunciado verbal, como é o caso de um sorriso que acompanha “eu me alegro que esteja bem”, ou um assentimento com a cabeça, concomitantemente com um “sim”, em resposta a perguntas do tipo “você gosta disso?” ou “Isso te parece bem?”.

¹⁹ “Tocar no ouvinte, um pequeno toque no braço ou uma pressão das mãos no ombro é uma estratégia não verbal bastante comum entre amigos.” (ZORNING, 1987)

1.3. Reforçando o conteúdo ou sentido de um enunciado verbal, como faz o tom elevado ao se dizer “o que você está fazendo?” ou a aproximação do ouvinte, quando o falante diz “me alegro em te ver!”.

1.4. Enfraquecendo o conteúdo ou o sentido de um enunciado verbal, por exemplo, ao se expressar sorridente ou com um tom baixo um enunciado do tipo “este exercício poderia estar melhor...” “ou aumentar a velocidade ao corrigir alguém “é assim que se faz...” “.

1.5. Contradizendo o conteúdo ou o sentido de um enunciado verbal. Isso é o que fazemos ao dizer em tom alto, quase gritado, e com a testa franzida “muito bem...”, mas, querendo comunicar que, em realidade, não nos parece bem.

1.6. Camuflando o verdadeiro sentido de um enunciado verbal, como corre ao emitir em tom baixo, com velocidade lenta demissão e conserta atenção articula tório no rosto um enunciado como “era uma casa muito bonita!”

2) Comunicar, substituindo a linguagem verbal. Os elementos do sistema verbal são sempre acompanhados de elementos dos sistemas para-linguístico e quinésico. Já, alguns signos dos sistemas não-verbais podem ser produzidos isoladamente, combinados entre eles, ou em alternância com signos verbais e realizar atos comunicativos completos. As saudações são um exemplo, ou, quando se aponta a um referente.

3) Regular a interação. Muitos dos elementos dos sistemas não verbais são usados para regular ou estruturar a conversação ou a interação, feito que lhes confere uma grande importância, se tivermos em conta que é através da atualização natural e espontânea da língua que se adquire competência comunicativa. Sirvam de exemplo, o desenho tonal, a pausa, o prolongamento das sílabas finais. (Cestero, 2005, p. 598, 599)

Na Libras, por sua vez, as estratégias não verbais constituem-se na própria língua, gerando significados pontuais e, mais especialmente, transmitindo a Polidez:

FIGURA 24 - "HUMM..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 25 - "É POSSÍVEL..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 26 - "VOCÊ PODE FAZER ISSO..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 27 - "HUMM...JÁ SEI..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

FIGURA 28 - "QUEBRA ESSA...."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Nas figuras em destaque, com exceção das figuras 24 e 27, os gestos, realizados em seus respectivos contextos situacionais (pedidos sem reprovação), estão sendo usados pelos falantes para atenuar a ameaça à face.

No ponto, Silva e Strazzi (2017) realizaram estudos sobre a Língua de Sinais brasileira e sua natureza cinésica e, concluíram que o uso de gestos durante a sinalização são um indicativo de fluência na língua. Nós, por outro lado, concluímos que eles são indicativos de trabalho de face sendo realizado.

5 METODOLOGIA

5.1 COMITÊ DE ÉTICA

Antes de iniciarmos a pesquisa, submetemos o projeto ao comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Paraná, tendo como Instituição Proponente o Programa de Pós-Graduação em Letras e pesquisadora responsável, a professora doutora Elena Godoy. Depois do atendimento a diversas solicitações e ajustes, a pesquisa foi autorizada, em setembro de 2017, sob o CAAE: 69678017.1.0000.0102.

5.2 METODOLOGIA UTILIZADA NA COLETA DE DADOS

Os enunciados foram coletados por meio do instrumento conhecido como DCT (*Discourse-Completion Test*) desenvolvido por Blum-Kulka, House & Kasper (1989) e usado, desde então, por linguistas do mundo todo interessados em estudar a Polidez.

Trata-se de um instrumento em que determinadas situações do dia a dia são descritas e, ao final, há um espaço em branco para que o informante relate o ato de fala que realizaria caso estivesse vivendo situação descrita.

Responderam ao DCT, 54 informantes de uma Universidade pública de Curitiba, no Estado do Paraná, com idades entre 20 e 50 anos. Destes, 34 eram alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Paraná, (ano de 2017). O DCT via *Google docs* e retornaram 204 enunciados, que foram transpostos para a planilha de Excel²⁰, na qual especificamos: (i) a principal estratégia de Polidez utilizada pelo falante, e se, (ii) a ameaça à face estaria, por suposição prosódica, sendo atenuada ou potencializada²¹, para isso, fizemos a análise, como se nós, enquanto pesquisadoras, fôssemos as destinatárias dos atos de fala.

Os outros 20 informantes, 14 falantes de Libras e 6 falantes da Língua Portuguesa produziram o DCT por meio de vídeo. Eles foram entrevistados um a um pela pesquisadora, que apresentou a cada um deles, individualmente, as 6 situações escritas em Língua Portuguesa, disponibilizadas aos informantes por meio de

²⁰ Acesso no apêndice.

²¹ Acesso no apêndice.

cartelas²². As situações foram divididas em três pedidos sem reprovação: pedir um livro emprestado ao professor; pedir carona ao vizinho de 60 anos; pedir ao filho de 14 anos para comprar pão. E, em três pedidos com reprovação: pedir ao colega de apartamento para limpar a cozinha; pedir a um aluno para desligar o celular; pedir a um desconhecido para não fumar no banheiro da Universidade.

Dos DCT's produzidos em vídeo, 180 enunciados ao todo, selecionamos 10 para uma apresentação de natureza qualitativa, cujos informantes (8 mulheres e 2 homens) estão assim distribuídos:

- 7 Surdos bilíngues, 3 homens e 4 mulheres, 6 deles alunos do curso de Letras Libras da Universidade;
- 3 Ouvintes, falantes da Língua Portuguesa, 1 homem (estudante do curso de Biologia), 2 mulheres (1 estudante do curso de biologia e 1 professora da Universidade).

O informante lia a cartela com a situação e, as respostas em Língua de Sinais brasileira, ou, em Língua Portuguesa, eram gravadas em vídeo. Parte dos informantes tiveram o DCT gravado em vídeos sem cortes entre os enunciados, dificultando a análise. Para os demais, a gravação se deu enunciado por enunciado.

Na maior parte dos enunciados produzidos em Libras, o informante lia e sinalizava a situação e, em seguida, realizava o ato de fala. Alguns dos enunciados tiveram que ser descartados, principalmente quando o informante não entendia a situação descrita e produzia uma resposta que fugia do tema. Eventualmente, quando o falante de Libras demonstrava dúvidas na leitura de alguma situação, a pesquisadora fazia a interpretação para a Libras.

Aos informantes, (falantes da língua portuguesa), do curso de biologia, o DCT foi aplicado em sala de aula, de modo que, enquanto os alunos que se voluntariaram respondiam ao DCT, gravado em vídeo, na presença dos demais colegas, estes participaram como observadores. Para tanto, receberam uma folha em branco para que anotassem as impressões que lhes causavam os atos de fala realizados pelos informantes voluntários (o objetivo era fazer um exame das 'faces' a partir da perspectiva do ouvinte).

²² Vide anexo.

A professora, falante da Língua Portuguesa, foi entrevistada em seu gabinete. Dos Surdos, 4 realizam o DCT na cantina, antes do início das aulas, e 1 respondeu na 'casa lilás', um dos espaços da Universidade, ao final de um dia de atividades do projeto 'Museu em Libras', na presença de 4 outros Surdos e, os demais gravaram o DCT nas dependências do Curso de Letras Libras.

5.3 METODOLOGIA UTILIZADA NA ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise das estratégias de Polidez realizadas pelos falantes, destacamos do contexto situacional a distância (D) entre falante e ouvinte e o poder relativo (P) entre ambos e, em seguida, identificamos as principais estratégias (objetivos específicos 1 e 2) realizadas pelos falantes da Língua Portuguesa.

Foram observadas a entonação e as escolhas lexicais na Língua Portuguesa, enquanto, na Libras, observamos os marcadores de Polidez decorrentes da prosódia corporal associada às escolhas lexicais, e, também fizemos uma análise sucinta do uso do espaço e da velocidade do movimento. Por fim, uma vez que separamos os atos de fala em pedidos sem e com reprovação, destacamos (objetivo específico 3) se a estratégia de Polidez utilizada, dado o contexto situacional e a prosódia, estaria atenuando ou aumentando a ameaça à face.

Os enunciados foram transcritos para o português e disponibilizado o link de acesso ao vídeo em notas de rodapé. Nas glosas²³ em Libras foram identificados os marcadores de Polidez presentes no ato de fala. Adotamos a sigla 'pp' para os marcadores que estariam mitigando o ato de fala e a sigla 'pa' para os marcadores que estariam potencializando a ameaça à face. Tais marcadores foram posicionados na glosa entre os léxicos conforme foram aparecendo no vídeo.

5.4 OBSERVAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA DE TRADUÇÃO

Os enunciados dos sinalizantes da Libras foram glosados e traduzidos para o português. No ponto, foi levantado o seguinte questionamento: Quais às razões que

²³ As glosas seguiram o formato mais simples possível, uma vez que os vídeos com os enunciados estão disponibilizados, onde se pode ver em todas as suas dimensões.

levaram o tradutor a escolher determinadas modalizações verbais e não outras, determinadas flexões e não outras, posto que na Libras os verbos são construídos no infinitivo? Tomemos como exemplo o enunciado “HEY, DESCULPAR, PODER GUARDAR POR FAVOR ATRAPALHAR ALI OK”, traduzido por “Hey, desculpe, você poderia guardar o celular, por favor, pois está atrapalhando a aula, ok!?”

As razões para tais modalizações e flexões verbais são pragmáticas. Vale dizer, o contexto partilhado entre falante e ouvinte, os marcadores não manuais (MNN), a dêixis empregada na realização do ato de fala, o ouvinte sabe que “desculpar” se refere à primeira pessoa do singular, que o verbo “poder” está modalizado em uma forma polida, que na Língua Portuguesa pode ser traduzido por “poderia”, do mesmo modo que a dêixis ‘ali’ faz referência à sala de aula e guardar ao celular. Em suma, trata-se de uma tradução presumida por *default*, decorrente da ausência de marcas de conjugação ‘no’ próprio verbo, mas não ausentes ‘do’ verbo. Finau (2004) explica que a possibilidade de conhecimento compartilhado faz parte do verbo. Em sua tese ela defende que esta possibilidade diz respeito ao aspecto do verbo e ao tempo verbal. Nós acrescentamos que essa pressuposição pragmática, de igual modo, alcança a conjugação verbal.

Com essa proposição, os dados da LIBRAS relacionados à organização de tempo/aspecto foram avaliados a partir do olhar sobre a composição semântica entre o emprego de operadores temporais/aspectuais, os valores aspectuais dos verbos com seus argumentos, e os fatores pragmáticos envolvidos no sistema linguístico. Isso se tornou presumível devido à orientação das propostas teóricas de Godoi (1992), Lin (2002), Roberts (1995) e Levinson (2000). A partir delas, avaliou-se, entre outras questões, a possibilidade de o conhecimento compartilhado fazer parte da restrição temporal na LIBRAS, ou seja, de que a leitura de tempo e aspecto pode ser estabelecida por pressuposições pragmáticas, por meio de implicatura conversacional generalizada. Desse modo, a investigação da referência temporal/aspectual, na LIBRAS, considerou que informações sobre essas categorias são expressadas, indiretamente, na estrutura linguística e, assim, presumidas por *default*. Isso porque se notou que o tempo pode ser denotado, nessa língua, por operadores temporais específicos, pela flexão semântica dada pelos verbos, e por implicaturas conversacionais generalizadas. Os elementos avaliados para corroborar essa proposta advêm dos seguintes fatos: (1) o tempo futuro, na LIBRAS, tem uma estrutura estereotipada, precisando sempre de um operador temporal para ser denotado, e isso pode ser previsto pelas heurísticas I e M de Levinson (2000); (2) o passado pode ter operador ou ser dado pelo aspecto perfectivo dos verbos, ou seja, a leitura se dá pela heurística; e (3) o presente é dado por *default* devido à ausência de marcas para passado ou futuro, ou seja,

por contraste significativo verificado por meio da heurística Q. (FINAU, 2004, p. 223).

Importante destacar, e algo que os dados desta pesquisa revelam, é que a observância dos marcadores não manuais de Polidez é essencial para a determinação da conjugação do verbo e de outros componentes linguísticos que irão determinar o significado e, por extensão a interpretação, do enunciado.

5.5 AS TRADUÇÕES PROPRIAMENTE DITAS

No processo de coleta dos dados, os enunciados realizados em Libras foram traduzidos pela pesquisadora para a Língua Portuguesa, e estas traduções, por sua vez, passaram por uma retradução por Surdo sinalizante, que recebeu as traduções em português e os respectivos contextos situacionais em que cada enunciado foi realizado e os retraduziu para a Libras.

Os links com o acesso de cada retradução encontram-se disponíveis nas tabelas na parte final da análise. Nas retraduições dos enunciados observamos que não há uma correspondência exata com os enunciados originais. Em muitos casos, as marcas de Polidez dos originais foram substituídas por outras, gerando estratégias diversas de Polidez. Porém, de maneira geral, as escolhas feitas pelo tradutor Surdo seguiram o padrão de atenuar a ameaça à face nos pedidos sem reprovação e potencializa-la nos pedidos com reprovação.

6 A ANÁLISE DOS DADOS

Síntese do capítulo:

- Iniciamos a análise pelos pedidos sem reprovação (PSR) e observamos a Polidez utilizada por um ouvinte e um sinalizante em cada situação. Em seguida analisamos os enunciados produzidos nos pedidos com reprovação (PCR).
- Ao glosarmos os enunciados realizados em Libras, identificamos a Polidez por meio de marcadores. Usamos ‘**pp**’ para identificar onde estariam ocorrendo as atenuações e ‘**pa**’ para identificar os aumentos da ameaça à face.
- Extraímos a Polidez, em especial dos aspectos fonéticos-fonológicos. Porém, enquanto na língua oral estes aspectos são observados na entonação ou prosódia vocal, na língua de sinais, eles são observados na prosódia corporal, em especial, face, cabeça, ombros e tronco.
- Constatamos que o falante de qualquer modalidade linguística – oral e sinalizada –, via de regra, se utiliza de mais de uma estratégia de Polidez e que o contexto é fundamental para definir as estratégias utilizadas e o tipo de trabalho de face realizado.

Iniciando pelos pedidos sem reprovação, temos a **situação 1**, na qual a distância social (D) entre falante e ouvinte é grande e o poder (P) do falante é menor que o do ouvinte.

Nessa situação, o informante se dirige a um professor, chamado Marcos, e solicita títulos de livros para estudar sobre o tema da última aula.

Aqui o **informante 1**, falante de português (ouvinte), produz o seguinte enunciado, o qual pode ser visualizado no vídeo em nota:

“Oi Marcos! Tuudo bem? É ... teria possibilidade de você me emprestar... é ... ummm ... livro ... pra eu continuar os meus estudos... é ... porque na última aula eu me interessei bastante... e... eu... gostaria de aprofundar mais um pouco eles...”²⁴ .

Pedir algo a alguém é um ato de fala que, por natureza, ameaça à face, e por isso, falantes se valem da Polidez para realizar o trabalho de face e atenuar o peso do FTA (*face-threatening act*), ou seja, atenuar a potencial ameaça à face. O falante, neste enunciado, optou pela estratégia de Polidez negativa (na terminologia de B&L)

²⁴ Disponível em <https://youtu.be/ppKwuytxMU8>.

‘seja convencionalmente indireto’. Constatamos isso porque ele se vale da expressão – “teria a possibilidade de....” –. Esta é uma estratégia na qual, de modo paradoxal, o falante é direto por meio de uma abordagem ‘convencionalmente indireta’. Esse efeito acontece porquanto tais formas indiretas utilizadas pelo falante são, em decorrência do seu uso rotineiro, tão incrustadas na cultura, que dão a impressão de serem diretas, tal como acontece com o uso do verbo “poder” em atos de fala em que, a rigor, faria sentido usar outra forma de expressão. O falante, portanto, está dividido entre dois desejos: o desejo ser direto, isto é, realizar o FTA diretamente (sem atenuação) e o desejo de ser indireto (*off record*) afim de evitar que o ouvinte se sinta limitado na sua liberdade de ação e de escolha.

Observando a entonação da voz e da expressão facial, notamos que o falante, também, realiza a estratégia de Polidez negativa ‘dê deferência’, pois, reconhece que o ouvinte tem mais ‘poder’ do que ele. A deferência aqui é usada para neutralizar potenciais ameaça à face (FTA’s) e, indica que os direitos do ouvinte a um status mais elevado são reconhecidos pelo falante. Assim, a entonação e a expressão facial reforçam a Polidez negativa.

O mesmo trabalho de atenuação acontece no enunciado do **informante 2**, falante de LIBRAS (Surdo), (conforme se observa no vídeo em nota²⁵):

“Poderia me emprestar um livro, professor?”

P.S.: Nos enunciados em Libras, a seguir são apresentadas as figuras, recortadas dos vídeos em pontos que gostaríamos de destacar, e as glosas.

²⁵ Disponível em <https://youtu.be/90Tcj-cbG4c>

Figura 29 – POLIDEZ NEGATIVA: "PODERIA...".



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 30 – POLIDEZ NEGATIVA: "EMPRESTAR...".



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 31 – POLIDEZ NEGATIVA: "LIVRE"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 1: EMPRESTAR pp (inclinação cabeça lado) LIVRO PODER pp (inclinação cabeça para baixo, lábios pressionados, leve movimento do tronco para frente) LIVRE pp (direção do olhar)? Verifica-se no vídeo a partir de 0:10.

O falante se vale da Polidez negativa, isto é, ele procura atender a face negativa do ouvinte, preservando a sua liberdade de ação ou de não sofrer imposições. Observemos como é executada a estratégia ‘seja convencionalmente indireto’: o falante se inclina perante o ouvinte, demonstrando a consciência de que no contexto – professor/aluno – o professor tem mais poder do que o aluno (‘dê deferência’).

Por ser um pedido sem reprovação (PSR), concluímos que os marcadores de Polidez estão todos atenuando a ameaça à face.

Na **situação 2**, onde a distância social entre falante e ouvinte é pequena e o poder do falante é menor que o do ouvinte, o falante, que está atrasado para a faculdade, precisa pedir carona ao Sr. Oscar, vizinho de 60 anos.

Destacamos o enunciado do **informante 3**, falante de Libras (Surdo):

“Oi. Por favor. Teria como me dar uma carona até a UFPR? Eu estou atrasado. Por favor.”²⁶

²⁶ Disponível em <https://youtu.be/6G9RuTeAtis>

Figura 32 – “POR FAVOR”



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 33 - "ATRASADO"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 34 - "PODERIA"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 2: HEY! POR FAVOR pp (compressão dos lábios, baixar da cabeça) DAR CARONA UFPR EU ATRASADO pp (inclinar da cabeça, dentes à mostra, inclinação do tronco) PODER? pp (tronco para frente).

O falante, ao selecionar os itens lexicais ‘por favor’, ‘atrasado’ e o modal ‘poder’, em conjunto com a prosódia facial adotada, optou pelas estratégias de Polidez negativa ‘seja convencionalmente indireto’ – “poderia...” – e, ao invés do clássico ‘dar deferência’ usado em contextos como o descrito, optou apenas por minimizar a imposição por meio da escolha lexical.

Repare no vídeo, o queixo levemente levantado e o movimento das sobrancelhas que acompanham o “por favor”, os quais nos levam à conclusão de que o falante não está usando da deferência como estratégia de Polidez e, sim, usando da estratégia ‘minimize a imposição’. Nos dados produzidos por Ouvintes, para a mesma situação, quase a totalidade dos informantes optou por usar a deferência, de modo que, é possível levantarmos a hipótese de que, em situações semelhantes, esta seja uma escolha estratégica utilizada mais pela cultura surda.

Acerca do trabalho de face, o movimento do tronco, o modo de sinalização (pausada), o movimento da cabeça, todos eles colocam o ouvinte em posição de ‘superioridade’ e, em conjunto com as escolhas lexicais (“por favor..”; “poderia...”), destacados na glosa e nas imagens, além dos movimentos do ombro rápidos e para baixo, estão atenuando a ameaça à face.

Por sua vez, o **informante 4**, falante do português brasileiro (Ouvinte), produziu o seguinte enunciado:

“Senhoor Oscaar!? Temm como o senhor me dá uma carona pra faculdade? Eu tô um pouco atrasado eeee....se não for incomodar muito....se for caminho... o senhor poderia me dar uma carona, pelo menos até parte do caminho?”²⁷

²⁷ Disponível em <https://youtu.be/mIWyhhqXNC0>

Nesse enunciado, o falante optou pela estratégia de Polidez negativa ‘dê deferência’ – “Senhor Oscar”; “temm como” – e para minimizar a imposição utiliza as construções condicionais “se não for incomodar muito”; “se for caminho.” A escolha por minimizar a imposição, por meio de marcadores fonológicos “seennhor Oscar teemm coomo” mostram como a prosódia vocálica é utilizada no trabalho de atenuação de ameaça à face de falantes da Língua Portuguesa. Observamos, também, como a prosódia gestual, isto é, o inclinar levemente da cabeça, e a entonação contribuem para atenuar o pedido.

Para a **situação 3**, em que a distância social entre falante e ouvinte é pequena e o poder do falante é maior que o do ouvinte, o falante precisa pedir ao filho Marcos de 14 anos, que estuda para a prova, que vá ao mercado comprar pão e leite para o café.

Selecionamos o enunciado produzido pelo **informante 5**, falante de português (ouvinte):

“Marquinhos éhhh...sabia que... a mãe queria muito comprar pão, mas eu tô com preguiça de ir até à padaria.... éhhhh.... você tem tempo de estudar de noite.... você podia ir pra mimmm? Colaboração tá?”²⁸

O falante, ao assumir que o filho talvez não queira realizar o ato – “Marquinhos éhhh...sabia que... a mãe queria muito comprar pão...” – , optou pela estratégia de Polidez negativa ‘seja pessimista’ em termos de B&L – “você podia ir pra mim?” ; “...colaboração tá?” –. Esta é uma estratégia que dá reparação à face negativa do ouvinte na medida em que o falante ‘duvida’ que o ouvinte fará o que ele pede. Por outro lado, o enunciado aponta para certa expectativa de que a solicitação seja atendida, como podemos observar pela expressão gestual (‘positivo’) e pela prosódia vocálica. Observe-se, de novo, que mesmo nas línguas orais a linguagem corporal é utilizada para marcar a Polidez.

Destacamos que esta última, foi a situação em que os falantes – Surdos e Ouvintes – mais atenuaram. Godoy (2007), ao investigar as estratégias de Polidez

²⁸ Disponível em <https://youtu.be/7aYJfwgQhdc>.

nos falantes cubanos, constatou, nesta mesma situação, Polidez negativa de altíssimo grau, contradizendo a expectativa de que quando o falante tem mais poder que o ouvinte (como na relação pais e filhos) e a distância entre eles é pequena, o ato de fala tenderia a ser sem atenuantes, isto é, *bald on record*, ou, que o falante se valeria da Polidez positiva.

Destacamos, ainda, para a mesma situação, o enunciado do **informante 6**, falante de Libras (Surdo):

“Fiilhoou eu sei que você está estudando para a prova, mas você pode ajudar a mamãe por faavoorr... vai comprar pão e leite...rapidinho...você vai e volta... dá pra você comprar alguma coisa pra você também... hummm?!”²⁹

Figura 35 - "RAPIDINHO"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

²⁹ Disponível em <https://youtu.be/lvxRO5kwAS8> a partir do tempo 2:13.

Figura 36 - GESTO DE SÚPLICA 1



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 3: FILHO pp (ombros e tronco projetados para a frente, lábios protuberantes) EU SEI VOCÊ ESTUDAR PROVA MAS PODER AJUDAR MAMÃE pp (inclinação da cabeça para o lado) COMPRAR pp (mãos postas) PÃO RAPIDINHO pp (piscadela) IR VOLTAR pp (gesto de súplica; mãos postas) DAR COMPRAR COISAS PARA VOCÊ pp (mãos junto ao queixo em forma de rogo; gesto).

O falante optou por realizar uma mescla de estratégias de Polidez negativa e Polidez positiva. Vejamos quais são.

Por meio da prosódia corporal ele ‘minimizou a imposição’ e usou a Polidez positiva, como no oferecimento de uma recompensa “compre alguma coisa pra você também...”; por meio da construção “é rapidinho, você vai e volta...” realizou a estratégia ‘seja otimista’, isto é, tentou convencer o ouvinte de que não haveria dificuldades em realizar o ato. Acerca do trabalho de face, destacamos, também, o tronco projetado para frente, os ombros encolhidos, a cabeça inclinada, as mãos postas perto do queixo, o movimento dos olhos, a diminuição do uso espaço, todos sendo usados pelo falante para minimizar a ameaça à face do ouvinte.

Da análise destes enunciados, é possível concluir que, em pedidos sem reprovação, as estratégias de Polidez na Libras e os marcadores não manuais são utilizados para atenuar o ato de fala.

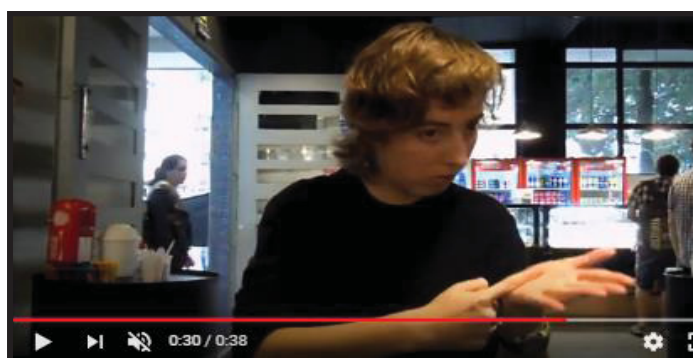
O mesmo não ocorre nos pedidos com reprovação, os quais passaremos à análise.

Na **situação 4**, na qual a distância social entre falante e ouvinte é pequena e não há diferenças de poder entre ambos, o falante deve pedir ao colega Felipe, com quem divide o apartamento, que limpe a cozinha conforme acordado entre eles.

Para esta situação, selecionamos o enunciado do **informante 7**, falante de Libras (Surdo):

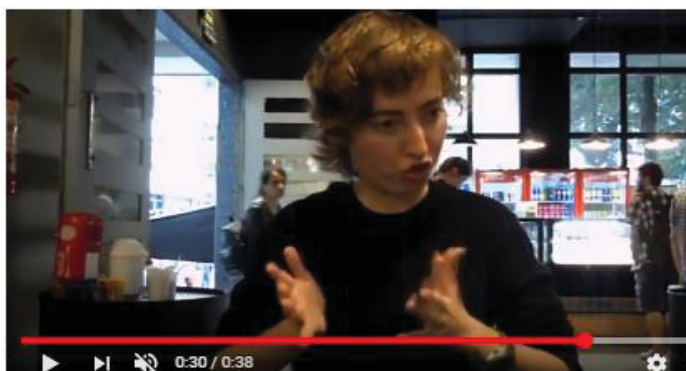
“Hey. Lembra do que nós combinamos sobre a limpeza da cozinha? Semana passada eu limpei, agora falta você limpar. Por favor. Ok?”³⁰

Figura 37 - "O QUE FOI COMBINADO"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Figura 38 - "EU JÁ CUMPRI COM A MINHA PARTE"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

³⁰ Disponível em https://youtu.be/cDElZrL_7rl

Figura 39 - "VOCÊ LIMPAR..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 40 - GESTO DE SÚPLICA 2



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 4: pa (projeção do olhar) HEY VOCÊ pa (marcação do olhar, inclinação da cabeça, sutil flexão do tronco para frente em direção ao ouvinte) COMBINAR LEMBRAR PASSADO COMBINAR EU JÁ FALTAR VOCÊ LIMPAR pa (re-orientação do tronco, marcação no olhar) PODER POR FAVOR pa (inclinação do tronco para a frente; marcação do olhar).

O falante optou pela estratégia de Polidez negativa ‘minimize a imposição’ – “Lembra do que nós combinamos? Semana passada eu limpei...”. “Por favor. Ok?” –. Destaca-se também a estratégia de Polidez positiva ‘seja otimista’ – “Lembra do que nós combinamos sobre a limpeza da cozinha?” –.

Acerca do aumento da ameaça à face, e, este é o ponto de destaque da dissertação, notamos que, embora as escolhas lexicais aparentem estar atenuando a ameaça, todavia, em conjunto com o contexto e com os marcadores não verbais de Polidez 'pa' destacados na glosa, as flexões do olhar, a marcação 'rígida' do tronco e o movimento da cabeça, o que está ocorrendo é um aumento da ameaça à face do ouvinte.

O aumento do peso do FTA também pode ser visto no enunciado do **informante 8**, falante de Libras (Surdo):

“Por favor... limpa a cozinha. Nosso combinado foi de dividir a responsabilidade meio a meio. Então...”³¹.

Figura 41 - ATO PREPARATÓRIO DE REPROVAÇÃO



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 42 - "ENTÃO..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

³¹ Disponível em <https://youtu.be/1lxTFuDZWHE> (de 0:12 até 0:15).

Figura 43 - "POR GENTILEZA"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 5: pa (mãos espalmadas para cima, lábios contraídos, queixo levemente levantado, tensão no olhar) pa (lábios pressionados, rigidez no olhar) POR GENTILEZA pa (lábios contraídos; olhos semicerrados) LIMPA ALI IGUAL 50% pa (mãos espalmadas para cima, contração da boca).

Aqui o falante optou pela estratégia de Polidez negativa ‘dê deferência’, materializada pela construção – “por favor... limpa a cozinha” –, e escolheu violar as máximas de modo e de quantidade de Grice (1967), pois ao espalmar as mãos para cima e balançar os dedos, (que traduzimos por “então...”), o falante usa a incompletude para gerar significado e deixar o FTA ‘pairando no ar’, o que potencializa a ameaça à face, tal como acontece com certas perguntas retóricas.

De acordo com Brown & Levinson, a Polidez encoberta e a Polidez negativa desempenhariam a função de minimizar a ameaça à face, porém, conforme observamos, estamos ante um paradoxo, pois, embora a expressão “por favor” seja normalmente usada para mitigar o FTA, no contexto e, associada à expressão elíptica “então...”, à sintaxe escolhida e, à expressão facial, a escolha da expressão – “por favor” – está aumentando a ameaça à face, ao invés de atenuá-la.

O enunciado em exame é recheado de marcadores de Polidez que potencializam a ameaça à face – expressos, principalmente, pela tensão do olhar, pelos movimentos da boca e pelo movimento rígido do tronco.

Por sua vez, na **situação 5**, onde a distância social entre falante e ouvinte é grande e não há diferenças de poder entre eles, o informante precisa pedir a um desconhecido para não fumar no banheiro da universidade. Nela, o **informante 14**, falante de Libras (Surdo) produz o seguinte enunciado:

“Hey... desculpe...você viu a placa de proibido ali? É proibido fumar aqui... por isso é preciso evitar fumar aqui dentro.³²”

Note-se a sequência de marcadores ‘pa’ que potencializam a ameaça à face:

Figura 44 - ATO PREPARATÓRIO DE AMEAÇA À FACE



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 45 - "HEY"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

³² Disponível em <https://youtu.be/GVP13yU8XYs>

Figura 46 - "DESCULPE"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 47 - "VOCÊ VIU ALI..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 48 - "A PLACA..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Figura 49 - "É PROIBIDO"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Por sua vez, encontramos, também, o marcador de Polidez (pp), em destaque abaixo, que, ao contrário dos anteriores, está atenuando o ato de fala, apesar de ser, de igual modo, marcado por lábios contraídos. Talvez, o que explique a ocorrência seja o movimento em conjunto dos ombros que está funcionando no enunciado como atenuador.

Figura 50 - "EVITAR"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 6: pa (lábios contraídos) HEY PEDIR pp (ombros para frente; lábios contraídos) DESCULPAR pa (lábios apertados; olhos em função fática) pp (ombros abaixados, olhos cerrados) VER ALI pa (olhos arregalados, lábios contraídos, franzimento da testa) P-L-A-C-A pa (direção do olhar) PLACA pa (olhos em função fática; lábios contraídos) PROIBIR pa (olhos em função fática; lábios contraídos)

PRECISAR pp (movimento da cabeça; tronco para baixo; ombros encolhidos) EVITAR FUMAR AQUI.

O falante optou pela estratégia de Polidez negativa ‘peça desculpas’. E, por iniciar e finalizar o ato de fala com marcadores de Polidez ‘pp’ que diminuem o peso do FTA. Porém, como vimos, a maioria dos marcadores de Polidez estão potencializando a ameaça à face e aumentando o peso do FTA inclusive das escolhas lexicais.

O ato de fala aponta que o falante sabe das exigências de face negativa do seu interlocutor, pois ao comunicar o FTA com expressões como “desculpe”, “você viu...” e “é preciso evitar”, demonstra levar em conta tais exigências. No entanto, embora notemos que o mesmo aconteça quando ele transmite uma certa relutância em realizar o ato de se desculpar, quando nos concentramos na expressão facial (marcação firme do olhar, sobrancelhas levantadas, contração dos lábios) e no movimento do tronco, o que vemos é a potencialização da ameaça à face do ouvinte. Concluímos, assim, que, no mínimo, a intenção comunicada pelo falante é ambígua, pois, ao mesmo tempo em que, o peso do FTA está sendo atenuado, o falante, também, o está potencializando.

Para a mesma situação, o **informante 19**, falante de português (ouvinte) produz o seguinte enunciado:

“Áaacho que você tá no lugar errado pra acender um cigarro.... Tem legislação para iiisso... Você quer que eu leve você até a secretaria do setoor?³³”

O falante optou ao ‘usar elipses’ por violar a máxima de modo e, também, escolheu marcações fonético-fonológicas (‘áaacho’, ‘iiisso’, ‘setoor’) que aumentam o peso do FTA. Este, pois, é um ato de fala polido que, como os desta seção, não está sendo usado para polir as arestas do FTA. O falante está sendo claramente irônico e, com isso, aumentando a ameaça à face.

³³ Disponível em <https://youtu.be/FJzcX2VWF4Y>

Passando para a análise da **situação 6**, onde a distância social entre falante e ouvinte é grande e o poder do falante é maior que o do ouvinte, o informante, ao ocupar o lugar de um professor, precisa pedir ao aluno Fernando que desligue o celular.

Selecionamos para esta situação, o **informante 21**, falante de Libras (Surdo), com o enunciado:

“Hey... desculpeee... você tá atrapalhando a aula... tirando inclusive a minha atenção... descuuullpeee... dá pra parar... guardar o celular, ok? Coommm liceeemçaa né!³⁴”

Este enunciado tem algo peculiar. Nele o falante utiliza muitos marcadores de Polidez ‘pp’ para aumentar o peso do FTA.

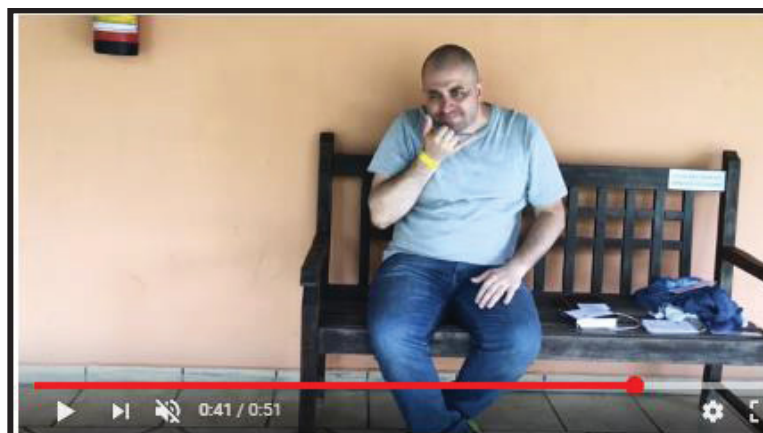
Figura 51 - "HEY..."



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

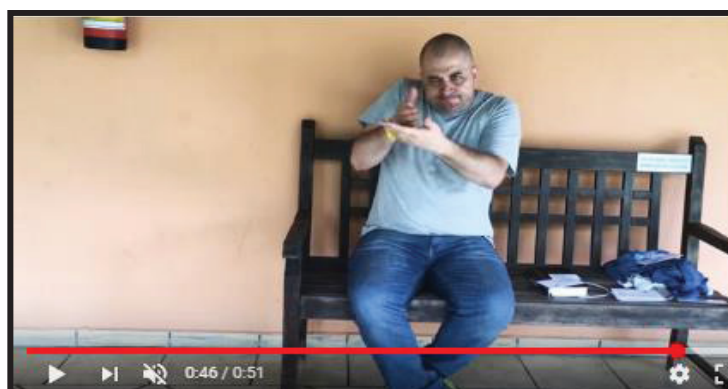
³⁴ Disponível em <https://youtu.be/4XTSdPio8Qg> (0:39).

Figura 52 - "DESCULPE"



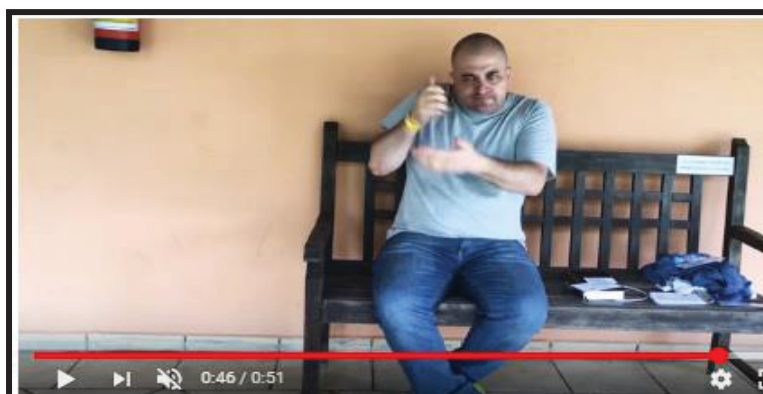
FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Figura 53 - "PARAR"



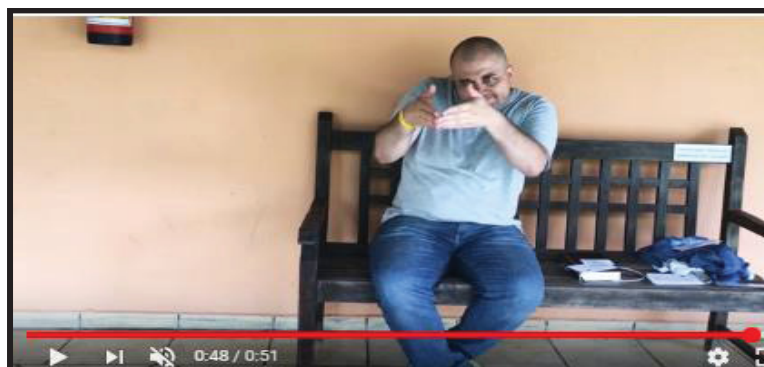
FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Figura 54 - "DESLIGAR O CELULAR"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017)

Figura 55- "COM LICENÇA"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

GLOSA 7: HEY pa (lábios pressionados; movimento da cabeça para cima)
 DESCULPAR pp (movimento da cabeça para frente e para baixo; lábios apertados)
 DESLIGAR PESSOAS PERDER ATENÇÃO ATRAPALHAR EU ATRAPALHAR
 ATENÇÃO TAMBÉM DESCULPAR pa (ombros contraídos para a frente; olhos e lábios
 comprimidos) PARAR pa (lábios contraídos; olhos em função fática) CELULAR
 GUARDAR OK? pa (flexão do olhar) COM LICENÇA pa (lábios contraídos; direção
 do olhar).

O falante se utiliza da estratégia de Polidez negativa ‘peça desculpas’ – “descuulpeeee...você tá atrapalhando... descuuullpeeee... dá pra parar... Coommm liceeemçaa né!” –. Ele, também, se vale da estratégia *off record*, ‘seja irônico’. Notamos isso porque os marcadores de Polidez – expressões faciais (lábios e olhos), inclinação da cabeça, projeção e leve encolhimento dos ombros – são utilizados por falantes da Libras para atenuar a ameaça à face, mas, neste enunciado (em que a reprovação ao ouvinte é evidente), o falante se utiliza de tais marcadores com o objetivo de ser irônico, o que potencializa a ameaça, exatamente como no caso analisado anteriormente, do falante de Língua Portuguesa.

Observe a intencionalidade do falante na escolha desta espécie de marcador, que falsamente aparenta estar mitigando o ato de fala. Repare nas expressões verbais, próprias da Polidez negativa, ‘desculpe’ e ‘com licença’, acompanhadas das expressões faciais – lábios e olhos –, e, como no contexto, o uso conjunto desses

recursos gera um aumento do peso do FTA. O mesmo podemos dizer da expressão ‘ok’, que no enunciado está indicando a estratégia de Polidez positiva ‘procure acordo’. Repare como a expressão facial que o acompanha aumenta a ameaça à face do ouvinte.

É possível se afirmar, portanto, que há marcadores de Polidez – uma tensão característica na face, em especial olhos e boca – usados recorrentemente para aumentar o grau de ameaça à face e, há marcadores que, por conta do contexto, podem ser usados tanto para diminuir como para aumentar a ameaça.

Por fim, observemos o enunciado do **informante 22**, falante de português (ouvinte):

“Fernaando...só...um pouquinho...pódizer pra pessoa que tá aí no teu celular que eu to dando aula pra você... se ela quiser falar comigo...eu falo com ela tá?³⁵”

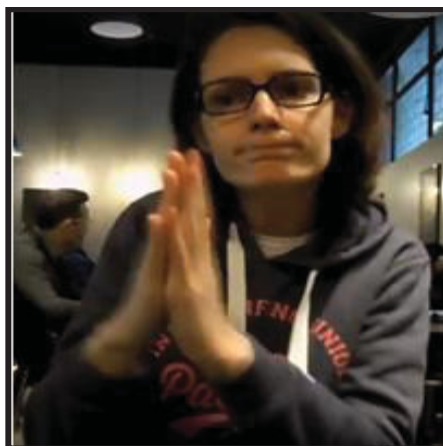
O falante optou por violar a máxima de modo de Grice (1967) usando a estratégia *off record* ‘desloque o ouvinte’ – “pódizer pra pessoa que taí no teu celular...” – . Assim, ele faz parecer que direciona o FTA, não para o ouvinte, mas, para a pessoa com que este está falando ao celular. O falante também é irônico e, com isso viola a máxima de qualidade de Grice (1967) – “não diga nada que acredite ser falso” –. Ao violar essa máxima, isto é, ao dizer o contrário do que quer dizer, o falante gera uma implicatura, transmitindo de modo *off record* (indireto) a sua intenção: que o aluno desligue o telefone. Tais estratégias, segundo Brown & Levinson (1987) serviriam para atenuar o FTA, porém, a conjugação do contexto situacional (pedido com reprovação) com às escolhas linguísticas do falante gera um aumento da ameaça à face.

Terminadas as análises, gostaríamos de destacar uma consideração importante e que diz respeito com a relevância do contexto para se determinar se o marcador não manual está funcionando como um atenuador da ameaça à face ou como um potencializador dessa ameaça.

³⁵ Disponível em https://youtu.be/N_wU6hM8V-I

Tomemos como exemplo a expressão dos lábios e olhos. Examinando as duas figuras abaixo, assim descontextualizadas, poderíamos supor que a primeira está mitigando a ameaça gerada pelo ato de fala e a segunda está potencializando a ameaça. Poderíamos igualmente supor, em decorrência do léxico utilizado (“POR FAVOR” e “COM LICENÇA”), que ambas as expressões faciais e, de igual modo, as expressões corporais (inclinação da cabeça e dos ombros) estariam atenuando o ato de fala. No entanto, em seus contextos enunciativos, concluimos que, ambas estão, ao contrário, potencializando a ameaça à face³⁶. O mesmo vale para os léxicos “POR FAVOR” e “COM LICENÇA”, que no contexto, estão sendo usados, não para “polir as arestas”, como é corrente dizer-se em Polidez, mas para torná-las mais afiadas.

Figura 56 - "POR FAVOR"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

³⁶ O ato de fala realizado por ambas as informantes se referia ao pedido para que um desconhecido não fumasse no banheiro público.

Figura 57 - "COM LICENÇA"



FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

De crucial importância, assim concluímos, para o exame dos marcadores 'pp' e 'pa' é a observância do contexto e, de igual modo, da intenção do falante, pois abstraídos estes elementos corre-se o risco de se equivocar quanto àquilo que efetivamente está sendo dito.

A seguir, apresentamos quadro das glosas, com a indicação de velocidade do sinal e uso do espaço, haja vista que estes dois aspectos, também, definem a Polidez e o trabalho de face.

QUADRO 4 – GLOSAS, COMENTÁRIOS SOBRE OS LÉXICOS, VELOCIDADE DOS SINAIS E UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

INFORMANTE SURDO E SITUAÇÃO	GLOSA VELOCIDADE DOS SINAIS E UTILIZAÇÃO DO ESPACO COMO INDICATIVOS DA POLIDEZ
2 – 1	

	<p>EMPRESTAR pp (inclinação cabeça lado) LIVRO PODER pp (inclinação cabeça para baixo, lábios pressionados, leve movimento do tronco para frente) LIVRE?</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido mais lenta. Uso do espaço diminuído.</p>
3 – 2	<p>HEY! POR FAVOR pp (compressão dos lábios, baixar da cabeça) DAR CARONA UFPR EU ATRASADO pp (inclinar da cabeça, dentes à mostra, inclinação do tronco) PODER? Pp (tronco para frente).</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido levemente pausada. Uso do espaço levemente diminuído.</p>
6 – 3	<p>FILHO pp (ombros e tronco projetados para a frente, lábios protuberantes) EU SEI VOCÊ ESTUDAR PROVA MAS PODER AJUDAR MAMÃE pp (inclinação da cabeça para o lado) COMPRAR pp (mãos postas) PÃO RAPIDINHO pp (piscadela) IR VOLTAR pp (mãos postas) DAR COMPRAR COISAS PARA VOCÊ pp (mãos junto ao queixo em forma de rogo)</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido levemente pausada. Uso do espaço levemente diminuído.</p>
7 – 4	<p>pa (projeção do olhar) HEY VOCÊ pa (marcação do olhar, inclinação da cabeça, sutil flexão do tronco para frente em direção ao ouvinte) LIMPAR LEMBRAR PASSADO COMBINAR EU JÁ FALTAR VOCÊ LIMPAR pa (re-orientação do tronco, marcação no olhar) PODER POR FAVOR pp (inclinação do tronco para a frente).</p> <p>Velocidade dos sinais e uso do espaço durante a realização do pedido sem alteração.</p>
8 – 4	<p>pa (mãos espalmadas para cima, lábios contraídos, queixo levemente levantado, tensão no olhar) pa (lábios pressionados, rigidez no olhar) POR FAVOR LIMPA ALI IGUAL 50% pa (mãos espalmadas para cima, contração da boca)</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido mais rápida e uso do espaço sem alteração.</p>


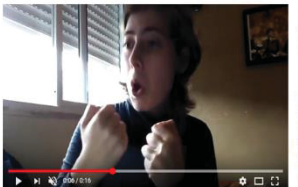

14 – 5	<p>HEY PEDIR pp (ombros encolhidos para frente e para cima) DESCULPAR pa (lábios apertados) pp (ombros abaixados, olhos cerrados) VER ALI pa (olhos arregalados, lábios contraídos, franzimento da testa) P-L-A-C-A pa (direção do olhar) PLACA PROIBIR PRECISAR pp (movimento da cabeça e tronco para baixo) EVITAR FUMAR AQUI.</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido mais rápida e uso do espaço sem alteração.</p>
21 – 6	<p>HEY pa (lábios pressionados) DESCULPAR pp (movimento da cabeça para frente e para baixo; lábios apertados) DESLIGAR PESSOAS PERDER ATENÇÃO ATRAPALHAR EU ATRAPALHAR ATENÇÃO TAMBÉM DESCULPAR pa (ombros contraídos para a frente; olhos e lábios comprimidos) PARAR pa (lábios contraídos) CELULAR GUARDAR OK? pa (flexão do olhar) COM LICENÇA pa (lábios contraídos; mãos unidas)</p> <p>Velocidade dos sinais durante a realização do pedido mais lenta e uso do espaço sem alteração.</p>

FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

Com o objetivo de validar as traduções realizadas, apresentamos, abaixo, um quadro com as retraduições do português para a Libras, realizadas por Surdo sinalizante, a partir da tradução feita por nós dos enunciados em Libras para o português.

Foram realizadas 2 retraduições a fim de que o trabalho de tradução pudesse equalizar o tipo de pedido (com ou sem reprovação), a distância social entre falante e ouvinte, o poder relativo do ouvinte em relação ao falante, o grau de imposição contido no pedido, com o trabalho de face que o falante do enunciado original realizou. Verificamos, contudo, que para que houvesse uma quantidade ótima de semelhança entre o enunciado original e o traduzido era necessário que o tradutor tivesse uma elevada consciência pragmática no ato tradutório, o que nem sempre se verificou.

QUADRO 5 – RETRADUÇÕES POR SINALIZANTE SURDO DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS

Surdo e situação	Tradução para o português	Primeira retradução do português para a libras por surdo	Segunda retradução
2 – 1	<p>“Poderia me emprestar um livro, professor?”</p> <p>https://youtu.be/90Tcj-cbG4c</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=AfmLsQjnl6U</p>	<p>https://youtu.be/XTAcQPfc3BQ</p>
3 – 2	<p>“Oi. Por favor. Teria como me dar uma carona até a UFPR? Eu estou atrasado. Por favor.”</p> <p>https://youtu.be/6G9RuTeAtis</p>	<p>https://youtu.be/xYHb3CMOKgQ</p>	<p>https://youtu.be/1BGPQVZVxXE</p>
6 – 3	<p>“Fiilhoou eu sei que você está estudando para a prova mas você pode ajudar a mamãe por faavoorr... compra pão e leite... rapidinho... você vai e volta... dá pra você comprar alguma coisa pra você também...hummm?!”</p> <p>https://youtu.be/lvxRO5kwAS8</p>  <p>poder igual aos 48segundos</p>	<p>https://youtu.be/x1MCDR4LkuA</p> 	<p>https://youtu.be/OxT4PZSgKts</p> 
7 – 4	<p>“Hey. Lembra do que nós combinamos sobre a limpeza da cozinha? Semana passada eu limpei, agora falta você limpar. Por favor. Ok?”</p> <p>https://youtu.be/cDElZrL_7rl</p>	<p>https://youtu.be/fl5Lf1R5sq8</p>	<p>https://youtu.be/XoOI91BA6jY</p>
8 – 4	<p>“Por favor... limpa a cozinha. Nosso combinado foi de dividir a responsabilidade meio a meio. Então....”.</p> <p>https://youtu.be/1lxTFuDZWH_E</p>	<p>https://youtu.be/YA6y_r-zP8w</p>	<p>https://youtu.be/7mON7tMS8OE</p>

14 – 5	<p>“Hey... desculpe...você viu a placa de proibido ali? É proibido fumar aqui,...por isso é preciso evitar fumar aqui dentro.”</p> <p>https://youtu.be/GVP13yU8XYs</p>	<p>https://youtu.be/BAX1_4rCdw8</p>	<p>https://youtu.be/49BWZUe3IXU</p>
21 – 6	<p>“Hey.... desculpeeee...você tá atrapalhando a aula... tirando inclusive a minha atenção... desculpeeee...dá pra parar... guardar o celular, ok? Coommm liceemçaa né!”</p> <p>https://youtu.be/4XTSdPio8Qg</p>	<p>https://youtu.be/eGyX34Dj9g8</p>	<p>https://youtu.be/dQ3WYHfqsP0</p>
14	<p>5 “Hey... desculpe...você viu a placa de proibido ali? É proibido fumar aqui,por isso é preciso evitar fumar aqui dentro.”</p> <p>https://youtu.be/GVP13yU8XYs</p>	<p>https://youtu.be/BAX1_4rCdw8</p>	<p>https://youtu.be/49BWZUe3IXU</p>
21	<p>6 “Hey.... desculpeeee...você tá atrapalhando a aula... tirando inclusive a minha atenção... desculpeeee...dá pra parar... guardar o celular, ok? Coommm liceemçaa né!”</p> <p>https://youtu.be/4XTSdPio8Qg</p>	<p>https://youtu.be/eGyX34Dj9g8</p>	<p>https://youtu.be/dQ3WYHfqsP0</p>

FONTE: CORPUS DA AUTORA (2017).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a investigar o tema sobre o qual versa a presente investigação eu tinha em mente uma outra coisa, e, ao mesmo tempo, a mesma coisa: queria investigar o significado transmitido pela linguagem nas interações. Foi então que conheci Elena Godoy e seu grupo de estudos, que em 2014 estavam realizando um workshop sobre Pragmática na Universidade Federal do Paraná. Lá, fui à obra “Como fazer coisas com as palavras” de Austin, que, embora pequena, não era simples de se entender. Austin assenta a sua teoria em um conceito de língua bem particular, especialmente, para quem foi treinada, durante a vida na escola primária e secundária, a ver a língua como nada mais do que um sistema abstrato de classificação de regras.

Depois de várias leituras da obra e de outros escritos que tratavam do tema, consegui compreender a ideia que considero a central do autor: o aspecto performativo de um ato de fala, que nos leva a um segundo ponto de capital importância: o caráter locucionário, ilocucionário e perlocucionário de todo ato de fala.

Assim, aos poucos, fui me apercebendo que, apesar de ter cursado duas faculdades que trabalham com a língua - Direito e Letras Libras -, e estar envolvida com tradução interpretação de Língua de Sinais desde 2001, minha consciência acerca do que é a língua era ainda bem diminuta.

Depois de estudar Austin e ler algumas pesquisas sobre Polidez desenvolvidas no Grupo de Estudos Linguagem & Cultura (UFPR), como a de Godoy (2007), Dias (2010) e Azuma (2014), julguei estar pronta para escrever a dissertação. Contudo, Godoy alertou-me de que não poderia abordar a Polidez, segundo o modelo por nós adotado, sem me apropriar de Grice (1975), seu princípio de Cooperação e máximas. Este também não foi um estudo simples, pois, tive dificuldades em fazer a ligação entre Grice e a Polidez, uma vez que, de um lado, o texto do autor é, sob certo aspecto, hermético e, de outro, os estudos sobre Polidez são tantos e tão diversificados, que, não raro, me confundiam.

Some-se à isso tudo, o fato de que o modelo de ‘Polidez’ adotado, além de não ser simples de se compreender, como possa parecer à primeira vista (uma vez que

engloba temas, igualmente, complexos, como atos de fala, implicaturas, indiretividade (o implícito no enunciado) e, intenção do falante), trata, na verdade, de dois temas distintos: estratégias de Polidez e trabalho de face (*facework*).

Logo que me dei conta disso, meu interesse passou a não mais ser apenas investigar as formas com que determinada comunidade de prática – falantes da Língua de Sinais brasileira de uma Universidade pública – transmite a Polidez, mas examinar, ao menos minimamente, como se dá o comportamento comunicativo desses falantes no tocante à face.

Com esses dois eixos, fui para a coleta dos dados que envolveu inúmeros percalços. Primeiro, porque precisávamos definir quais as situações integrariam o DCT. Testamos várias hipóteses, tais como “pedir R\$150,00 emprestado a alguém conhecido” ou “pedir a um desconhecido, sentado ao lado em um ônibus de viagem, para desligar o celular”, e, constatamos que, que em situações como as tais os informantes - fossem eles Surdos ou Ouvintes – quase que invariavelmente optavam por não realizar o ato de fala. Ao final, ficamos com as 6 situações clássicas do DCT, as quais, concluímos, englobam, de modo suficiente, o grau de “distância, poder e imposição” que precisavam constar no instrumento do *corpus*, (as estratégias de Polidez são escolhidas pelos falantes, em grande medida, a partir destes três elementos).

O formato do DCT, também, nos impôs desafios. Para os informantes da Língua Portuguesa, optamos pela plataforma de pesquisa que o Google disponibiliza. Para os usuários da Libras, criamos a versão em vídeo, primeiramente, também, enviada pela plataforma Google. Porém, durante as testagens, notamos que o retorno era muito baixo. A versão final, por fim, consistiu em um DCT, em que a pesquisadora, frente à frente com o informante, apresentava, uma à uma, as cartelas que descreviam as 6 situações e, realizava a gravação individual de cada ato de fala.

A análise dos dados, por sua vez, foi outro desafio. No exame dos dados, foi, relativamente, fácil, capturar as estratégias de Polidez realizadas e o cálculo feito pelo informante acerca (i) da distância entre ele e o ouvinte (conhecido ou desconhecido, próximo ou distante), (ii) do poder relativo do ouvinte em relação ao falante (se este considerava que tinha mais ou menos poder que aquele) e (iii) do grau de imposição

do pedido sobre o ouvinte. Porém, dei-me conta de que não tinha referencial teórico suficiente para explicar, aquilo que até então era uma intuição: a ameaça à face na Libras, ora sendo atenuada, ora sendo potencializada. Foi quando me voltei para a fonética e fonologia e, pude vislumbrar os marcadores não manuais, como eles realizavam o trabalho de face. Estudando Xavier (2006; 2017), em especial sua pesquisa sobre os parâmetros articulatórios não manuais destinados a expressar advérbios de intensidade na Libras, pude notar que a Polidez, entre outros aspectos (utilização do espaço, velocidade do sinal, léxico), é expressa na Libras por sinais não manuais (parâmetros fonético-fonológicos), como lábios, olhos, sobancelhas, movimentos de tronco, ombros e cabeça.

Finalmente, conseguimos analisar os dados coletados por duas óticas, a gramatical, codificada pelos mecanismos fonético-fonológicos, sintáticos, lexicais e cinésicos e, a da sociopragmática, codificada pelos valores comunicados discursivamente e, pela face. Quanto à esta, eis o grande mérito da dissertação: discriminar entre marcadores de Polidez que atenuam a ameaça à face e marcadores que potencializam a ameaça e, ressaltar a sua importância e a necessidade de se adquirir (i) consciência de face e, (i) competência pragmática para realizar trabalho de face.

Neste sentido, a obra “Polidez: alguns aspectos universais da linguagem” foi extremamente feliz ao unir face e Polidez. Face, aliás, é o elemento universal do modelo de Brown & Levinson (1978), pois, seja em qual cultura for, o trabalho de face em crianças em fase de aquisição da linguagem já é perceptível³⁷, - (claro, o modo como a face é internalizada pelos falantes e o modo como o trabalho de face é realizado não é universal, mas característico de cada cultura) -. Tanto é assim que, os dados coletados apontam, - como os de Godoy (2007), com falantes cubanos -, que mães ocidentais (vale dizer, falantes que, no DCT, são instruídos a pedir ao filho de 14 anos, que estuda para prova, para comprar pão), na maioria absoluta das vezes, atenuam o ato de fala, enquanto que, em outras culturas, (como a russa³⁸), tal trabalho

³⁷ <https://youtu.be/dNKqMLbvtqQ> ; <https://youtu.be/TWoeLzi8I74> ; <https://youtu.be/WHLFeuPnsK8>

³⁸ Dado trazido pela professora Orientadora.

de atenuação, (realizado por familiar com maior autoridade), seria impensável e, o falante tachado como que não estando em seu juízo perfeito.

De outra banda, quando da realização da banca de defesa, um dos examinadores atentou para o que, ao ver do linguista, seria a fragilidade da pesquisa, vale dizer, o fato de eu, como pesquisadora, afirmar que determinados atos de fala, e por consequência, determinados marcadores de Polidez, estariam ora atenuando a ameaça à face ora potencializando essa ameaça. Por certo, como ouvinte-interpretante, me vali da minha consciência e intuição pragmática para fazê-lo, nada obstante, a rigor, o falante, - que realizou o ato de fala -, ou o ouvinte, - para quem o ato de fala foi dirigido -, seriam aqueles que poderiam, sem sombra de dúvidas, dizer se o ato estaria atenuando ou potencializando a ameaça à face.

Contudo, ainda que seja possível que eu tenha me equivocado em algumas das implicaturas realizadas, e, com isso não tenha alcançado a interpretação adequada do significado pretendido pelo falante (e, portanto, do trabalho de face realizado), a relevância do trabalho investigativo permanece, e está em termos demonstrado a importância de se dotar falantes de competência pragmática afim de que possam realizar um melhor trabalho de face, - muito embora, saibamos que controlar os efeitos do FTA é, em dada medida, uma tarefa de Pirro (condenado para todo o sempre a levar uma pedra maior do que ele ao alto de uma montanha) e, uma batalha épica de cortar as cabeças de uma medusa -.

Ainda, é certo que nossa hipótese de pesquisa, restou confirmada: os falantes se utilizam da Polidez, tanto para atenuar como para potencializar o risco de perda da face (sua e/ou do ouvinte), sendo a prosódia ou a entonação um dos principais mecanismos utilizados para isso.

Sobre os marcadores de Polidez na Libras por nós identificados, - 'pp' (atenuador da ameaça à face) e 'pa' (potencializador da ameaça à face) -, concluímos que, embora existam diferenças significativas entre eles, o que realmente vai defini-los é o contexto, o qual inclui uma série de elementos, como a cultura, as variáveis (P; D e R) e a intenção do falante (por exemplo, se o ato de fala é com ou sem reprovação).

Acerca das estratégias de Polidez, constatamos que em ambas as línguas, Libras e Língua Portuguesa, há uma grande ocorrência em pedidos feitos pela

comunidade de prática por nós investigada, da Polidez negativa, com especial predileção dos falantes pelas estratégias “dê deferência” e “seja convencionalmente indireto”.

Por fim, temos a firme convicção de que a presente pesquisa abriu um novo eixo para os estudos da Polidez na Libras e, que cada aspecto aqui elencado possui potencial para tornar-se uma ramificação de pesquisa especializada no Brasil. Também, estamos convictas de que nosso objetivo, de oferecer ao âmbito acadêmico uma ‘visão geral’ de um pouco daquilo que o tema oferece, foi cumprido; pouco que pode tornar-se muito pela ponta da caneta de outros pesquisadores, e por nós em investigações futuras.

Desejamos que nossas contribuições possam levantar outras várias inquietações aos estudantes e pesquisadores da Libras, área que carece de desenvolvimento teórico no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.
- ARMENGAUD, F. **A pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.
- AZUMA, S. O. **As estratégias de atos diretivos no ambiente corporativo na língua portuguesa falada na região de Curitiba e na língua japonesa falada por expatriados**. 186 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- BLUM-KULKA, S. **Learning how to say what you mean in a second language: a study of the speech act performance of learners of hebrew as a second language**. *Applied Linguistics* 3(1), 1982, p. 29-59.
- BRITO, F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.
- BROWN, P.; LEVINSON, S.D. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge University Press, 1987.
- BUENO, R. **A natureza pragmática do discurso ficcional**. 115 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- CESTERO, M. **La comunicación no verbal**. In *Vademécum para la formación de profesores*. Madri: Sociedad General Española de Librería, S.A., 2005.
- DASCAL, M. **Interpretation and understanding**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2003.
- DIAS, L. S. **Estratégias de Polidez linguística na formulação de pedidos e ordens contextualizados um estudo contrastivo entre o português curitibano e o espanhol montevidео**. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- DIAS, L. S. e GODOY E. **Mitigações gramaticais e léxico-frasais na formulação de atos diretivos no português curitibano e no espanhol montevidео**. *Anais do VII Congresso internacional da Abralín*. Paraná, Curitiba, 2011.
- FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais**. 159 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- EELLEN G. **A critique of Politeness theories**. New York: Routledge, 2014.

GARCIA R. **Um estudo sobre a expressão gramatical da Polidez em Libras**. 78 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GODOI, E. **Las estrategias pragmáticas de atenuación e imposición en algunas variantes de español y portugués**. In: VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO ALED. HORIZONTES DE SENTIDO, 1. Bogotá, 2007.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Doubleday Anchor, 1967.

GRICE, H. P. **Logic and conversation**. William James Lectures. Ms., Harvard University, 1975.

GRICE, H. P. **Lógica e conversação**. In: Marcelo Dascal (org). Fundamentos metodológicos da linguística – pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística-bibliografia. Campinas: Unicamp, 1982.

GRUYTER M., R. M. **Polite appearances: How non-manual features convey politeness in British Sign Language**, Journal of Politeness Research 2014; 10(2): 157–184.

HOZA, J. **It's Not What You Sign, It's How You Sign It: Politeness in American Sign Language**. Washington DC: Gallaudet University Press, 2007.

KAUL S. **Delimitación de unidades extralinguísticas de análisis del discurso de (des)cortesía**. Signo y Seña, número 26, diciembre de 2014, pp. 7-22 Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no discurso, teoria e funcionamento**. Niterói: EdUFF, 2005.

KLIMA, E., BELLUGI, U. et al. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

MÁRQUEZ, R. **Linguistic politeness in Britain and Uruguay**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 2000.

MAZUROSKI Jr. A. **Estratégias de controle e assujeitamento nos discursos organizacionais**. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MAPSON, R. **Polite appearances: How non-manual features convey politeness in British Sign Language**. GRUYTER (Org). Journal of Politeness Research 2014; 10(2): 157–184.

- MILLS, S. **Gender and politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANDLER W. **Prosody and Syntax in Sign Language**. Israel: University of Haifa, 2010.
- SILVA L., STRAZZI T. **Marcadores discursivos em Libras**. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2, n.2, p. 198 - 217, jul. / dez., 2017.
- SANTOS, S. L. dos. **A interpretação da piada na perspectiva da teoria da relevância**. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SCHALKOSKI-DIAS, L; GODOY E. **Supportive moves in requests and orders in brazilian portuguese and uruguayan spanish variant**. Acta Scientiarum, 2018.
- STOKOE, W. C. JR. **Sign language structure: an outline of the visual communication system of the american deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960.
- STROBEL, K.L., FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
- XAVIER A. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- . **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 131 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- . **Variação fonológica na Libras**: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. Disponível em: <researchgate.net>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- ZORNING. **Politeness: Brazilian-Portuguese Request in service encounters**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

GLOSSÁRIO

ATO DE FALA: Também conhecido na pragmática como ‘enunciado’. É a sentença em uso. Isto é, quando o falante comunica algo a alguém.

BALD-ON RECORD: Estratégia de Polidez que o falante escolhe quando deseja realizar um ato de fala sem nenhuma atenuação. O falante opta por falar ‘na lata’. “Pode ocasionar em construções entendidas como “grosseiras” ou “diretas demais” pelo ouvinte, notadamente no que se refere a pedidos que, quando feitos deste modo ficam muito semelhantes a ordens.” (Mazuroski, 2009, p. 17). Exemplo: “Desliga o celular.”

BROWN & LEVINSON: São os autores do modelo de Polidez por nós adotado neste estudo investigativo sobre o modo como determinados atos de fala são produzidos. A obra ‘Politeness’, apesar das inúmeras críticas, é citação obrigatória em todo o estudo que envolve a Polidez. A perpetuidade da obra se deve à ousada tentativa dos autores de sistematizar alguns dos meios linguísticos que nos permitem visualizar a Polidez em funcionamento.

COMUNICAÇÃO: “não deve ser considerada como ato individual, resultante de uma ação puramente cognitiva. Antes ela deve ser vista como uma instituição ou convenção cultural, que toma forma e substância num determinado contexto social e de trocas.” (Mazuroski, 2009, p. 15)

CONTEXTO: é um conceito fundamental para a ciência pragmática, porém, de difícil conceituação. Para os fins investigativos propostos, diremos que ele é elemento externo e interno ao indivíduo engajado em um ato comunicativo, o qual contribui de modo expressivo para a interpretação do significado pretendido pelo falante e compreendido pelo ouvinte. No modelo de Polidez de B&L (1978), o contexto é, em especial, constituído por três variáveis:

D (social distance): A distância social percebida pelo falante entre ele mesmo e seu interlocutor (A, B). Interfere na avaliação de um FTA e na escolha da estratégia de Polidez a ser utilizada.

P (power): A diferença de poder percebida entre falante e ouvinte. Varia com o contexto e não necessariamente com o cargo ou função do falante e do ouvinte. Interfere na avaliação de um FTA e na escolha da estratégia de Polidez a ser utilizada.

R (rating of imposition): O nível de dificuldade percebido pelo falante do pedido a ser satisfeito pelo ouvinte. (MAZUROSKI, 2009, p. 16)

DCT (DISCOURSE-COMPLETION TEST): É um instrumento de coleta de dados em que o informante produz o ato de fala solicitado. Nele, se requer ao informante que se imagine na situação descrita, (por exemplo: ‘ele é um professor e precisa pedir a um aluno que vá à secretaria pegar giz.’) e, complete o DCT com o ato de fala que usaria se estivesse vivendo aquela situação.

FACE: É uma espécie de auto-imagem que o indivíduo imagina corresponder à sua imagem pública. Trata-se de um território imaterial – que carrega forte carga emocional – e que integra a percepção de cada indivíduo durante o ato comunicativo. Em geral, é frágil e sensível às ameaças que decorrem dos atos de fala, (notadamente, no que nos interessa, pedidos e ordens).

FTA (FACE-THREATENING ACT): É um ato de ameaça à face. Todo enunciado implica em um FTA, vale dizer, todo ato de fala possui em si um potencial de ameaça à manutenção da ‘face’, seja a do ouvinte, seja a do falante. Daí decorre o uso de estratégias de Polidez.

HEDGE: “Partículas, palavras ou expressões utilizadas na frase como forma de modificação do conteúdo expresso, podendo atenuar ou acentuar o conteúdo, como “tipo assim”, “não sei bem, mas será...”, “talvez fosse possível...”.” (MAZUROSKI, 2009, p. 18).

IMPLICATURA: É a capacidade humana de deduzir um significado que está para além do literal, e que pode ser o correto ou não. Está ligada ao modo como as pessoas usam a língua. No modelo de Polidez que adotamos, ela está intimamente ligada às

máximas conversacionais de Grice. Basicamente uma implicatura ocorre quando o falante viola as máximas ('seja verdadeiro'; 'não diga nem mais nem menos do que o requerido'; 'seja relevante'; 'seja claro'). De acordo com Santos (2009, p. 25) "formamos inferências espontâneas, instantâneas e inconscientes sobre a intenção comunicativa do falante." E, por conta das implicaturas feitas pelo ouvinte, que em dada medida, são incontrolláveis, é que o falante deveria realizar 'trabalho de face' que, ao menos, minimamente, se ajustasse à sua intenção comunicativa, estando consciente de que ao "quebrar a cara" do ouvinte, (e, a depender de quem seja esse ouvinte), o falante corre o risco de ter a sua face atingida (quebrada).

INDIRETIVIDADE: É quando o significado literal do enunciado e o significado intencionado do falante não coincidem. Trata-se de um recurso universalmente presente em todas as línguas, que possibilita ao falante não comunicar abertamente a sua intenção. Por exemplo, ao invés de pedir para fechar a janela, ele diz apenas que está frio na sala, convidando o ouvinte a fazer uma implicatura convencional. A indiretividade permite deixar a cargo do ouvinte deduzir o significado pretendido pelo falante.

INTENÇÃO: É na pragmática o mesmo que significado do falante.

FALANTE: É o sujeito que emite um ato de fala, seja por meio de línguas orais ou sinalizadas.

OFF RECORD: Estratégia de Polidez indireta. Depende da "interpretação do ouvinte para que o conteúdo seja compreendido. Costuma ser utilizada quando o assunto é "sensível" ou não pode ser referido abertamente.

OUVINTE: É o sujeito para quem o falante dirige o ato de fala, ou, que participa, como terceiro, do ato comunicativo. Ele é chamado na pragmática de ouvinte independentemente da forma como ele processa o enunciado, se pelo canal auditivo (Ouvintes) ou se pelo canal visual (Surdos).

PEDIDOS: É um ato de fala diretivo cujo objetivo é induzir o interlocutor a realizar uma determinada ação (por exemplo, quando peço ‘me dá um pouco dessa coca-cola’ minha intenção é que o ouvinte me dê do seu refrigerante). O pedido pode ser com reprovação (PCR) (como quando eu peço para alguém desligar o celular) ou sem reprovação (PSR) (como quando eu peço uma carona a alguém).

POLIDEZ LINGUÍSTICA: é a parte da pragmática que estuda os diferentes modos de se dizer a mesma coisa. Podemos dizer que é a ciência que estuda as escolhas estratégicas que envolvem o modo com que o falante escolhe produzir o enunciado. Trata-se de uma atividade em parte racional e em parte intuitiva (inferencial). Podemos dizer que Polidez está relacionada às construções linguísticas “polidas”, “mas não no sentido usual de “falar educadamente”, e sim de procurar construir o enunciado de forma a conseguir o que se quer do seu interlocutor com o mínimo de desgaste emocional para ambas as partes.

POLIDEZ POSITIVA E NEGATIVA: São formas linguísticas que se utilizam de estratégias *on record* com reparação da face.

PRAGMÁTICA: é a parte da ciência linguística que estuda o significado linguístico em contexto de palavras, orações e enunciados. (GODOI E RIBEIRO, 2006 apud MAZUROSKI, 2009, p. 14). É a ciência que se ocupa da ‘intenção’ do falante.

W = D (F, O) + P (O,F) + R: É a fórmula (no modelo de Polidez de Brown & Levinson) que determina o peso de um ‘FTA’.

ANEXO I – Cartelas do DCT apresentadas aos participantes da pesquisa



A **UFPR** quer se tornar uma Universidade bilíngue e **VOCÊ** foi escolhido para colaborar.

São 10 situações que podem acontecer no dia a dia. Imagine a cena e pense como você responderia. Não há resposta certa ou errada! Apenas faça de conta que você é uma das pessoas da conversa e fale como você falaria se a cena acontecesse de verdade.

O importante é que você seja você mesmo! Seja espontâneo.



Situação um.

-d. $x=y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você divide um apartamento com um colega do Letras Libras. Vocês combinaram que: numa semana você limpa a cozinha e na outra ele limpa.

Ele não limpou a cozinha na vez dele. Você quer pedir para ele limpar. O nome dele é Felipe.

Você diz _____



Situação dois.

+d. $x=y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você entra no banheiro da UFPR e tem uma pessoa fumando lá.

Você quer pedir para ele(a) não fumar ali.

Você diz _____



Situação três.

-d. $x < y$

Cenário: UFPR.

Situação: Seu professor é um cara legal. Você gostou da última aula dele e agora quer pedir a ele um livro emprestado para estudar mais sobre o tema da última aula.

O nome dele é Marcos.

Você o encontra na sala de aula e diz _____



Situação quatro.

+d. $x > y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você é professor de Libras. Um aluno está todo o tempo no celular e está atrapalhando a sua aula.

Você quer pedir para ele parar de usar o celular na sua aula.

O nome do aluno é Fernando.

Você diz _____



Situação cinco.

-d. $x=y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você quer pedir para o seu filho de 14 anos ir no mercadinho comprar pão. Ele está no quarto dele estudando para a prova.

O nome dele é Marquinhos.

Você diz _____



Situação seis.

+d. $x < y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você está atrasado para vir para a UFPR e quer pedir uma carona para o seu vizinho que tem 60 anos.

O nome dele é sr. Oscar.

Você diz _____



Situação quebra-gelo.

-d. $x < y$

Cenário: UFPR.

Situação: Você é aluno(a) da UFPR. Faltam 3 minutos para começar um evento muito importante no Anfiteatro 100. O professor Jefferson está com o zíper aberto e é ele que vai fazer a abertura do evento.

Você diz _____

APÊNDICE

Para acesso às respostas do DCT em português escrito:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1gtrq-PtHdH9NB1lfN_eICQ3Yua5-Km7BrITqJqPyek

Para acesso da análise destes enunciados na planilha do Excel:

<https://www.dropbox.com/s/9wt1p5mkvgqz1n7/enunciados%20produzidos%20por%20Ouvintes.xlsx?dl=0>